

CADERNO DE RESUMOS



IV SEMANA DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFTM

*Educação Básica do Campo: da escola pensada à
escola vivida*

Uberaba, de 20 a 23 de setembro de 2023

Realização: Curso de Licenciatura em Educação do Campo



ISSN: 2965-9779

Vol. 2

2023

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação
Departamento de Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias
Curso de Licenciatura em Educação do Campo

CADERNO DE RESUMOS

IV SEMANA DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFTM

Educação Básica do Campo: da escola pensada à escola vivida

Uberaba, de 20 a 23 de setembro de 2023

Realização

Curso de Licenciatura em Educação do Campo – UFTM

Organizador do Caderno

Fernando Luís Pereira Fernandes

ISSN 2965-9779

Volume 2

2023

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

S47c

Semana da Licenciatura em Educação do Campo da UFTM (4., 2023 :
Uberaba, MG)

Caderno de resumos da IV Semana da Licenciatura em Educação do
Campo da UFTM; Educação Básica do Campo: da escola pensada à escola
vivida [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Triângulo Mineiro;
Fernando Luís Pereira Fernandes (organizador). – Uberaba: UFTM, 2023.
v. 2

Evento realizado em Uberaba nos dias 20 a 23 de setembro de 2023
ISSN: 2965-9779

1. Educação do Campo – Congressos. 2. Educação do Campo.
3. Educação rural. I. Fernandes, Fernando Luís Pereira. II. Universidade
Federal do Triângulo Mineiro. III. Educação Básica do Campo: da escola
pensada à escola vivida. IV. Título.

CDU 37(1-22)

Expediente

COORDENAÇÃO GERAL

Profa. Dra. Tânia Halley Oliveira Pinto

COMISSÃO ORGANIZADORA

Docentes:

Profa. Dra. Beatriz Fernanda Litoldo

Prof. Dr. Fernando Luís Pereira Fernandes

Prof. Dr. José Henrique Singolano Néspoli

Profa. Dra. Luzia de Fatima Barbosa Fernandes

Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Crepalde

Profa. Dra. Tânia Halley Oliveira Pinto

Profa. Dra. Verônica Klepka

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO

Prof. Dr. Daniel Fernando Bovolenta Ovigli

Profa. Dra. Tânia Halley Oliveira Pinto

Discente:

Ademilton Viturino de Jesus

COMISSÃO DE INFRAESTRUTURA

Profa. Dra. Beatriz Fernanda Litoldo

Profa. Dra. Verônica Klepka

Discentes:

Daíse Beatriz Souza Freire Silva

Kelly Cristina Saraiva

Meiriane Batista Cruz

Mirele Cristina de Souza Alves

Valquíria Soares Alves

COMISSÃO DE MÍSTICA E DECORAÇÃO

Prof. Dr. José Henrique Singolano Néspoli

Profa. Dra. Luzia de Fatima Barbosa Fernandes

Profa. Dra. Tânia Halley Oliveira Pinto

Discentes:

Camila Rodrigues da Silva
Cinthia Inácio Gonçalves
Daniel Idelfonso da Conceição
Elizângela Pereira Pardinho
Fabiula Costa Lima
Fatima Kelly de Lima Nascimento
Keilla Kawany Lima Nascimento
Márcio Machado De Matos Junior
Maria do Horto Rodrigues Maranhão
Patrícia Alves Martins
Suely de Lourdes Cunha
Vivian Aparecida de Souza

NOITE CULTURAL

Discentes:

Andreia Alves dos Reis
Camila Rodrigues da Silva
Claudinéia dos Santos Araújo
Daiane de Souza Cavalcanti da Silva
Daniel Idelfonso da Conceição
Edna Maria Correia Dela Noce
Erica Batista de Oliveira
Eusiane de Jesus Ferreira Paraizo
Fabiula Costa Lima
Fatima Kelly de Lima Nascimento
Jéssica Barbosa Nunes
Keilla Kawany Lima Nascimento
Marco Aurelio Silva
Michael Tavares Gonçalves
Mirele Cristina de Souza Alves
Patrícia Alves Martins
Ricardo Almeida
Romarina dos Reis de Jesus
Suely de Lourdes Cunha
Vivian Aparecida de Souza

COMISSÃO CIENTÍFICA

Profa. Dra. Beatriz Fernanda Litoldo
Prof. Dr. Daniel Fernando Bovolenta Ovigli
Prof. Dr. Fernando Luís Pereira Fernandes
Profa. Dra. Luzia de Fatima Barbosa Fernandes
Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Crepalde

ORGANIZAÇÃO DO CADERNO DE RESUMOS

Fernando Luís Pereira Fernandes

INSTITUIÇÃO PROMOTORA

Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM

Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação – ICENE

Curso de Licenciatura em Educação do Campo - LECampo

ENDEREÇO

Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação

Avenida Randolpho Borges Júnior, 1400, Unidade III, Sala 316

Bairro Univerdecidade, Uberaba, MG.

CEP: 38064-200

Telefone: (34) 3331-3131

<http://www.uftm.edu.br>

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	11
PROGRAMAÇÃO GERAL	13
RESUMOS DOS TRABALHOS (organizados por ordem de sessão)	19
UM OLHAR ACOLHEDOR E TRANSFORMADOR SOBRE A APAE: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO EDUCADOR DO CAMPO	21
JOGOS NO ENSINO DE MATEMÁTICA: POSSIBILIDADES DE TRABALHO COM POLINÔMIOS.....	23
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS: O JOGO	25
MATEMÁTICA COM SIGNIFICADO: MATERIAL CURRICULAR A PARTIR DA PRÁTICA SOCIAL DA PRODUÇÃO DE MANDIOCA	28
PRODUÇÃO DE UM MATERIAL CURRICULAR DE MATEMÁTICA PARA ALUNOS DO CAMPO	30
QUESTÕES MATEMÁTICAS RELACIONADAS AO CRESCIMENTO DOS PÉS DE MANDIOCAS UTILIZADAS PARA A PRODUÇÃO DE POLVILHO	32
FÍSICO-QUÍMICA NO CONTEXTO DO CAMPO CONTEXTUALIZANDO COM A PISCICULTURA FAMILIAR	34
OS SABERES DA PESCA: DIÁLOGOS ENTRE O CONHECIMENTO TRADICIONAL E O CIENTÍFICO.....	36
O ENSINO DO SOM POR MEIO DA PRÁTICA SOCIAL DAS FOLIAS	38
PRODUÇÃO DE MEL COMO PRÁTICA SOCIAL NA COMUNIDADE DE PISCAMBA NA CIDADE DE JEQUERI, MG.....	40
A ESSÊNCIA DA MÍSTICA COMO PRINCÍPIO INSPIRADOR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO E NOS MOVIMENTOS SOCIAIS	42
A MÍSTICA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	44
TEATRO GABIRÚ: CÂMERA EM AÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE EM CENA	46
AGRICULTURA FAMILIAR, ECOLOGIA E OS GERAIZEIROS	49
MOVIMENTO SOCIAL E FORMAÇÃO HUMANA: UMA REFLEXÃO SOBRE A PARTICIPÇÃO NO MST.....	51
INFÂNCIA, TRABALHO E EDUCAÇÃO NO CAMPO	53
A FOLIA DE REIS DA COMUNIDADE CANABRAVA EM BONFINÓPOLIS DE MINAS	55
AS NOITES CULTURAIS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE NATALÂNDIA	57
IDENTIDADES DO CAMPO E CURRÍCULO: UMA PROPOSTA DE PESQUISA SOBRE AS METODOLOGIAS DE ENSINO DAS EFAs	59
EDUCAÇÃO DO CAMPO E A FORMAÇÃO POR ALTERNÂNCIA	61
A IMPORTÂNCIA DO AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE TRANSMISSÃO DE SABERES E FORMAÇÃO DE SUJEITOS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	63

PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANCS): LEVANTAMENTO E RESGATE CULTURAL SOB O OLHAR DE PESSOAS DO CAMPO	65
A DIVERSIDADE CULTURAL NA AGENDA LECAMPO: A PRODUÇÃO DE UM LIVRO DE AUTOBIOGRAFIAS	67
BIONARRATIVAS SOCIAIS – BIONAS: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS QUE MEMORIAS O NORTE MINEIRO TEM A CONTAR?	69
TRAJETÓRIAS FORMATIVAS DE MULHERES DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UFTM.....	71
SINTETIZANDO IDEIAS: ENTRELAÇANDO CONCEITOS E CONSTRUINDO RELAÇÕES	73

APRESENTAÇÃO

Desde a realização da última edição – em 2019 – até a culminância da IV Semana da Licenciatura em Educação do Campo da UFTM, passamos por situações que jamais imaginamos algum dia sofrer: uma pandemia! O contexto da pandemia da COVID-19, a qual afetou globalmente as atividades humanas, exigiu que, por meio do distanciamento social, cuidássemos de nossa saúde e da dos outros. Com isso, a oportunidade de nos reunirmos presencialmente para debater sobre Educação do Campo, processos formativos no curso de Licenciatura em Educação do Campo, práticas pedagógicas em escolas do campo, relações e/ou diálogo entre conhecimentos tradicionais e conhecimentos científicos, entre outros, precisaram ficar em segundo plano.

Superada a necessidade de manutenção de distanciamento social e a retomada segura das atividades acadêmicas na forma presencial, a Comissão Organizadora da IV Semana propõe como tema: *Educação Básica do Campo: da escola pensada à escola vivida*, com a intenção de trazer ao evento questões atinentes à escola básica do campo, sobre o que e como essa tem se organizado diante do cenário de reformas educacionais.

Nesse sentido, a IV Semana da Licenciatura em Educação do Campo, contou com duas mesas-redondas (de abertura e de encerramento) compostas por pesquisadoras(es) e professora de escola do campo, com a Feira *Sabores e Saberes da Terra: um passeio aos Territórios da LECampo*, três oficinas, além de ter recebido a submissão de 26 resumos relativos aos trabalhos produzidos, em sua maioria, por estudantes da LECampo-UFTM, cujos resultados foram construídos no âmbito das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Boa leitura!

Uberaba, novembro de 2023.
Comissão Organizadora



IV Semana LECampo UFTM
Educação Básica do Campo:
da escola pensada à escola vivida
20 a 23 de Setembro de 2023

PROGRAMAÇÃO GERAL

20 de setembro de 2023 (manhã)

<i>Horário</i>	<i>Atividade</i>
07h30min às 07h50min	Sessão de Abertura
08h às 08h30min	Mística
08h30min às 10h30min	Mesa de Abertura: Curricularização do Ensino Médio <u>Debatedores:</u> ✓ Profa. Dra. Vanessa Franco Neto (UFMS) ✓ Prof. Dr. Wender Faleiro (UFCAT) <u>Mediação:</u> Profa. Dra. Beatriz Fernanda Litoldo (LECampo/UFTM) <i>Local:</i> Auditório Rubi, Unidade III - UFTM/Univerdecidade
10h30min às 12h	Feira “Sabores e Saberes da Terra: um passeio aos Territórios da LECampo” <i>Local:</i> Unidade III – UFTM/Univerdecidade

20 de setembro de 2023 (tarde)

<i>Horário</i>	<i>Atividade</i>
13h30min às 18h	Oficina 01: Escola Família Agrícola: As EFAs e a luta pela Educação do Campo Responsáveis: Prof. Dr. Danilo Seithi Kato e Prof. Dr. José Henrique Singolano Néspoli <i>Local:</i> Auditório Rubi (UFTM/Univerdecidade)
	Oficina 02: Etnomatemática e o Artesanato de Uberaba, MG Responsáveis: Prof. Dr. Alberto Luiz Pereira da Costa e Angélica Carvalho Lemes <i>Local:</i> LEFIS - Laboratório de Ensino de Física (UFTM/Univerdecidade)
	Oficina 03: Feminismos: o que é e o que não é? Responsáveis: Profa. Ma. Joana D’Arc da Silva Reis e Profa. Dra. Tânia Halley Oliveira Pinto <i>Local:</i> Sala A 202 (UFTM/Univerdecidade)



IV Semana LECampo UFTM
Educação Básica do Campo:
da escola pensada à escola vivida
20 a 23 de Setembro de 2023

21 de setembro de 2023 (manhã)

Sessão de Comunicações Orais

Local: Anfiteatro Rubi (UFTM/Univerdecidade)

SESSÃO 01

Horário: 07h30min às 8h30min

Coordenação: Profa. Dra. Beatriz Fernanda Litoldo

<i>Título</i>	<i>Autoras(es)</i>
Um olhar acolhedor e transformador sobre a Apae: contribuições para a formação do educador do campo	Jadi Dias Andrade
Jogos no ensino de Matemática: possibilidades de trabalho com polinômios	Daniel Idelfonso da Conceição Lorena Soares da Silva Raiane Kelly de Souza Almeida
Declaração Universal dos Direitos Humanos: o jogo	Márcio Machado de Matos Júnior

SESSÃO 02

Horário: 08h30min às 09h30min

Coordenação: Prof. Dr. Daniel Fernando Bovolenta Ovigli

<i>Título</i>	<i>Autoras(es)</i>
Matemática com significado: material curricular a partir da prática social da produção de mandioca	Jadi Dias Andrade
Produção de um material curricular de matemática para alunos do campo	Cecília Barbosa Alves
Questões matemáticas relacionadas ao crescimento dos pés de mandiocas utilizadas para a produção de polvilho	Fabiula Costa Lima

SESSÃO 03

Horário: 09h50min às 10h50min

Coordenação: Prof. Dr. Daniel Fernando Bovolenta Ovigli

<i>Título</i>	<i>Autoras(es)</i>
Físico-Química no contexto do campo contextualizando com a piscicultura familiar	Mirele Cristina de Souza Alves
Os saberes da pesca: diálogos entre o conhecimento tradicional e o científico	Michael Tavares Gonçalves.



IV Semana LECampo UFTM
Educação Básica do Campo:
da escola pensada à escola vivida
20 a 23 de Setembro de 2023

O ensino do Som por meio da prática social das folias	Keilla Kawany Lima Nascimento Fatima Kelly de Lima Nascimento
Produção de mel como prática social na comunidade de Piscamba na cidade de Jequeri (MG)	Márcio Machado de Matos Júnior

SESSÃO 04

Horário: 10h50min às 12h

Coordenação: Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Crepalde

<i>Título</i>	<i>Autoras(es)</i>
A essência da mística como princípio inspirador na Educação do Campo e nos movimentos sociais	Eusiane de Jesus Ferreira Paraizo
A mística como ferramenta de ensino na Educação do Campo	Jéssica Barbosa Nunes
Teatro Gabiru: câmera em ação e a interdisciplinaridade em cena	Jadi Dias Andrade

21 de setembro de 2023 (tarde)

<i>Horário</i>	<i>Atividade</i>
13h30min às 18h	Oficina 01: Escola Família Agrícola: As EFAs e a luta pela Educação do Campo Responsáveis: Prof. Dr. Danilo Seithi Kato e Prof. Dr. José Henrique Singolano Néspoli <i>Local:</i> Auditório Rubi (Univerdecidade – UFTM)
	Oficina 02: Etnomatemática e o Artesanato de Uberaba, MG Responsáveis: Prof. Dr. Alberto Luiz Pereira da Costa e Angélica Carvalho Lemes <i>Local:</i> LEFIS - Laboratório de Ensino de Física (Univerdecidade - UFTM)
	Oficina 03: Feminismos: o que é e o que não é? Responsáveis: Profa. Ma. Joana D'Arc da Silva Reis e Profa. Dra. Tânia Halley Oliveira Pinto <i>Local:</i> Sala A 202 (Univerdecidade - UFTM)



IV Semana LECampo UFTM
Educação Básica do Campo:
da escola pensada à escola vivida
20 a 23 de Setembro de 2023

22 de setembro de 2023 (manhã)

Sessão de Comunicações Orais

Local: Anfiteatro Rubi (UFTM/Univerdecidade)

SESSÃO 05

Horário: 07h30min às 8h30

Coordenação: Profa. Dra. Beatriz Fernanda Litoldo

<i>Título</i>	<i>Autoras(es)</i>
Agricultura Familiar, Ecologia e os Geraizeiros	Mirele Cristina de Souza Alves Keilla Kawany Lima Nascimento Fatima Kelly de Lima Nascimento
Movimento social e Formação Humana: uma reflexão sobre a participação no MST	Maria Do Horto Rodrigues Maranhão
Infância, trabalho e Educação no Campo	Adeliça Vieira Pereira Lima

SESSÃO 06

Horário: 08h30min às 9h30min

Coordenação: Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Crepalde

<i>Título</i>	<i>Autoras(es)</i>
A Folia de Reis da Comunidade Canabrava em Bonfinópolis de Minas	Daniel Idelfonso da Conceição
As Noites Culturais na Escola Família Agrícola de Natalândia	Suely de Lourdes Cunha
Identidades do campo e currículo: uma proposta de pesquisa sobre as metodologias de ensino das EFAs	Ricardo Almeida

SESSÃO 07

Horário: 09h50 às 11h

Coordenação: Prof. Dr. Daniel Fernando Bovolenta Ovigli

<i>Título</i>	<i>Autoras(es)</i>
Educação do Campo e a formação por Alternância	Edmundo Barbosa Nepomuceno
A importância do audiovisual como ferramenta de transmissão de saberes e formação de sujeitos na Educação do Campo	Ademilton Viturino de Jesus



IV Semana LECampo UFTM
Educação Básica do Campo:
da escola pensada à escola vivida
20 a 23 de Setembro de 2023

Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS): levantamento e resgate cultural sob o olhar de pessoas do campo	Sandra dos Santos Silva
---	-------------------------

SESSÃO 08	
Horário: 11h às 12h	
Coordenação: Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Crepalde	
<i>Título</i>	<i>Autoras(es)</i>
A diversidade cultural na agenda LECampo: a produção de um livro de autobiografias	Ricardo Almeida
Bionarrativas sociais – Bionas: narrativas autobiográficas que memórias o norte mineiro tem a contar?	Eusiane De Jesus Ferreira Paraizo
Trajetórias formativas de mulheres da Licenciatura em Educação do Campo na UFTM	Thaís de Souza Costa
Sintetizando ideias: entrelaçando conceitos e construindo relações	Daíse Beatriz Souza Freire Silva Kelly Cristina Saraiva

22 de setembro de 2023 (tarde)

<i>Horário</i>	<i>Atividade</i>
13h30min às 15h30min	Mesa de Encerramento: Desafios e Possibilidades para a Construção da Escola do Campo <u>Debatedores:</u> ✓ Profa. Ma. Ronilce Maira Garcia Lopes (Doutoranda UNESP) ✓ Prof. Dr. Juarez Melgaço Valadares (UFMG) <u>Mediação:</u> Profa. Dra. Beatriz Fernanda Litoldo (LECampo/UFTM) <i>Local:</i> Auditório Rubi, Unidade III – UFTM/Univerdecidade
15h30min às 15h50min	Intervalo
15h50min às 18h	Avaliação Coletiva da Semana LECampo <i>Local:</i> Auditório Rubi, Unidade III – UFTM/Univerdecidade



IV Semana LECampo UFTM
Educação Básica do Campo:
da escola pensada à escola vivida
20 a 23 de Setembro de 2023

23 de setembro de 2023

<i>Horário</i>	<i>Atividade</i>
18h às 22h	Noite Cultural



IV Semana LECampo UFTM
Educação Básica do Campo:
da escola pensada à escola vivida
20 a 23 de Setembro de 2023

RESUMOS DOS TRABALHOS (organizados por ordem de sessão)



UM OLHAR ACOLHEDOR E TRANSFORMADOR SOBRE A APAE: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO EDUCADOR DO CAMPO

Jadi Dias Andrade
d202120555@uftm.edu.br
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Este resumo objetiva apresentar uma experiência da autora, quando, por meio de uma Atividade de Prática Curricular (APC) com alternância no Tempo-Comunidade, teve a oportunidade de conhecer mais sobre as questões de acessibilidade e, para além dela, sobre as pessoas com deficiência (PcD). Tal atividade foi desenvolvida na disciplina de Trigonometria e Números Complexos com a Profa. Beatriz F. Litoldo, e teve como proposta uma discussão sobre razões trigonométricas, introduzida pela problematização da inclinação de rampas em sala de aula. Inicialmente, exploramos o cálculo da declividade, definindo-a como a relação entre a altura vertical e a distância horizontal.

A partir dessa atividade, obteve-se um olhar crítico e sensível permitindo reflexões críticas relativas à importância de se olhar para as pessoas com deficiência (PcD), que muitas vezes são deixadas à mercê da sociedade sem a valorização e reconhecimento que merecem. Dentre elas, permite um olhar para a educação do campo, que busca constantemente lutar pelos seus direitos e pela educação de qualidade. Também é importante considerar as pessoas com deficiência que residem e vivem no campo. Devemos dedicar um olhar especial a elas, pois diversas vezes não recebem o devido reconhecimento e não têm acesso a uma educação inclusiva e à infraestrutura adequada às suas necessidades.

Lopes e Oliveira (2012) abordam a inclusão de crianças com necessidades especiais em escolas situadas em áreas rurais. A autora destaca os desafios que essas crianças enfrentam, considerando as particularidades do ambiente e da comunidade em que vivem. Muitas vezes, a infraestrutura escolar é limitada, e os recursos educacionais são escassos. Pelo Relatório Mundial sobre a Deficiência (SÃO PAULO, 2012), foi estimado que mais de um bilhão de pessoas no mundo possuem deficiência. Além disso, de acordo com o último Censo Demográfico do Brasil, realizado em 2010, em média 45,6 milhões de pessoas no país têm deficiência (23,9% da população brasileira naquele ano) (LOSCHI, 2017).

A história da educação no Brasil revela a relação entre as desigualdades sociais e as desigualdades escolares, evidenciando o abandono de direitos sociais, políticos e econômicos dos trabalhadores urbanos e rurais. No campo, essas pessoas permanecem invisíveis, sendo pouco abordadas nos documentos dos movimentos sociais e na produção de conhecimento em educação



inclusiva. Com ênfase na acessibilidade, a partir do trabalho de APC, foi realizada uma visita a uma instituição pública de cunho político, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), que é uma organização da sociedade civil, filantrópica, de natureza cultural, educacional e assistencial e sem fins lucrativos, localizada no norte de Minas Gerais, na cidade de Rio Pardo de Minas.

Essa visita proporcionou um amplo conhecimento e aprofundamento sobre como a acessibilidade é tratada na cidade e nas escolas, principalmente no contexto educacional. Essa experiência enriqueceu minha formação como educadora, preparando-me para atuar em áreas rurais. Durante a entrevista realizada no local, compreendi a dimensão e a importância da acessibilidade. Essa experiência deixará uma marca duradoura em minha jornada acadêmica, pois nos faz olhar ao nosso redor e compreender as pessoas que nos cercam, suas realidades e singularidades.

A Apae desempenha um papel crucial ao oferecer apoio, interação social, convivência e educação às PcD. Isso as integra plenamente à sociedade, garantindo que seus direitos sejam assegurados e que sejam tratadas com respeito, reconhecimento e valorização, evitando a invisibilidade que muitas vezes enfrentam na sociedade. Todos têm o direito de viver plenamente e desfrutar das coisas simples da vida, e é nosso dever garantir que esses direitos sejam respeitados e atendidos. A Apae desempenha um papel fundamental nesse contexto, ajudando a construir uma comunidade mais inclusiva, em que cada indivíduo é valorizado e tem a oportunidade de florescer em sua plenitude¹.

Palavras-chave: Acessibilidade, Educação do Campo, Reconhecimento, Apae.

REFERÊNCIAS

SÃO PAULO (trad.). **Relatório mundial sobre a deficiência / World Health Organization, The World Bank.** São Paulo: Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência de São Paulo, 2012.

LOPES, OLIVEIRA. *A Criança com Necessidade Especial na Escola Do Campo.* Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-metodológicas Caruaru, 2012. p. Disponível em: <https://silo.tips/download/a-criana-com-necessidade-especial-na-escola-do-campo> Acesso em: 07. Set. de 2023.

LOSCHI, M. **Pessoas com deficiência: adaptando espaços e atitudes.** Agência IBGE Notícias, v. 20, 2017.

¹Professor(a) colaborador(a): Profa. Dra. Beatriz F. Litoldo, beatriz.litoldo@uftm.edu.br. Universidade Federal do Triângulo Mineiro.



JOGOS NO ENSINO DE MATEMÁTICA: POSSIBILIDADES DE TRABALHO COM POLINÔMIOS

Daniel Idelfonso da Conceição
danielidelfonso13@gmail.com
UFTM

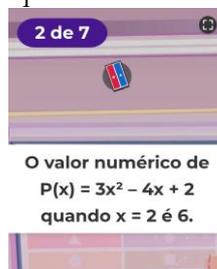
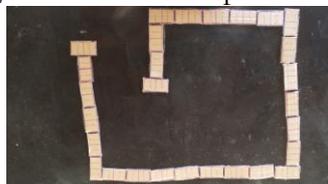
Lorena Soares da Silva
lorenasoares338@gmail.com
UFTM

Raiane Kelly de Souza Almeida
raianekellyrpm123@gmail.com
UFTM

O presente resumo objetiva apresentar os jogos desenvolvidos na disciplina de Polinômios e Princípios de Contagem, do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (LECampo/UFTM). Para esta disciplina foi proposto para a turma do 6º período do curso (2023.1) que desenvolvesse/criasse um jogo para o ensino de conceitos/conteúdos sobre polinômios. Cada aluno deveria desenvolver um jogo, que poderia ser de cartas, tabuleiro, Puzzle, etc, e que deveria abordar em seu contexto o conteúdo que estava sendo estudado em sala de aula.

Essa proposta fez parte do trabalho de Prática como Componente Curricular (PCC) da disciplina, a qual foi desenvolvida em Tempo-Comunidade e compartilhada com toda a turma em retorno ao Tempo-Escola. Assim, foi criado pelos alunos da turma três diferentes tipos de jogos para o ensino do conteúdo, um jogo de dominó, de tabuleiros com dados e um Kahoot, que seria um jogo *online* (Figura 1).

Figura 1 – Jogos desenvolvidos pela turma, à esquerda dominó e à direita o Kahoot.



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

O primeiro jogo tem como objetivo usar 27 peças de dominó feitas de papelão, cada uma com uma inovação polinomial escrita nelas. O objetivo é estimular os alunos a relacionar as expressões polinomiais com base em seu grau, igualdade de polinômios e polinômios nulos, em



vez de simplesmente jogar as peças com a mesma expressão. Isso é uma adaptação do jogo de dominó original para ensinar conceitos de polinômios de forma simples e interativa, incentivando o uso desses conceitos pelos alunos.

O próximo jogo é uma adaptação do Ludo, criado baseando-se em um jogo que é bastante usado pela aluna para jogar no celular sozinha ou *online* com os amigos e familiares, um jogo de tabuleiro e dados, que utiliza expressões polinomiais em vez de números nos dados. Cada expressão polinomial tem um grau diferente, determinando a quantidade de casas que as peças dos jogadores se movem. O objetivo é o mesmo do jogo original, que é reunir todas as peças no centro na cor correspondente. O jogo foi criado usando papelão e lápis de cor para pintar o tabuleiro.

O último jogo foi um jogo *online* chamado Kahoot, em que o professor pode adicionar perguntas com respostas em formato de *quiz*, verdadeiro ou falso, múltiplas respostas e outras opções. As perguntas podem ser criadas de acordo com as aulas realizadas e para cada resposta o aluno tem um tempo para responder à questão no seu aparelho eletrônico. Fazendo uso então do Kahoot, o aluno desenvolveu várias questões que contemplava os conceitos/conteúdos de polinômios, como por exemplo, graus do polinômio, valor numérico, igualdade de polinômios e suas operações². Esse jogo tem o objetivo de travar uma competitividade entre os alunos de forma a aceder e desenvolver o conhecimento deles sobre os conceitos/conteúdos alusivos aos polinômios³.

A criação desses jogos foi interessante pelo fato de fazer os educandos responsáveis pela criação/adaptação, buscarem formas de adequar a dinâmica com o que foi ensinado dentro de sala, transformando em uma maneira que se adequa ao meio educacional que está envolvido. Um novo desafio na vida, que fez exercitar o cérebro e acionando o lado criativo, assim ajudando a ter ideias para aulas que precisarem de dinâmica.

Palavras-chave: Jogos educativos; Ensino; Dinâmica; Educação matemática.

² <https://create.kahoot.it/share/kahoot-para-avaliacao-formativa/f7c2c7b1-5b3d-498c-ba42-4945a5d58561>

³ Professor(a) colaborador(a): Profa. Dra. Beatriz F. Litoldo, beatriz.litoldo@uftm.edu.br. Universidade Federal do Triângulo Mineiro.



DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS: O JOGO

Márcio Machado de Matos Júnior
d202220374@uftm.edu.br
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

INTRODUÇÃO

O presente texto tem o intuito de apresentar um jogo didático desenvolvido na disciplina de Direitos Humanos no 2º período (2023.1) do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (LECampo/UFTM), na disciplina de Direitos Humanos. Segundo Benevides (2007) a Educação em Direitos Humanos está embasada em três princípios centrais: “primeiro, é uma educação permanente, continuada e global. Segundo, está voltada para a mudança cultural. Terceiro, é educação em valores, para atingir corações e mentes e não apenas instrução, ou seja, não se trata de mera transmissão de conhecimentos” (BENEVIDES, 2007, p. 1).

A proposta da disciplina oportunizou experienciar o processo de criação de um jogo didático. A criação do jogo iniciou-se em sala de aula, durante o Tempo-Escola (TE) de abril de 2023, e tratava-se do tema Violações e Promoções dos Direitos Humanos. Como finalidade maior do jogo, tínhamos a intenção de impulsionar o ensino e aprendizado dos estudantes sobre o tema.

A ideia deste jogo é baseada no jogo de tabuleiro Banco Imobiliário. O jogo didático construído como atividade avaliativa foi confeccionado no Tempo-Comunidade (TC), como parte de carga horária de Prática como Componente Curricular (PCC), e posteriormente foi apresentado no período de retorno da disciplina, em agosto de 2023.

O JOGO DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (DUDH)

Trata-se de um jogo de tabuleiro (Figura 1) que possui divisões (casas), as quais os jogadores devem percorrer ao longo do jogo. As casas do tabuleiro estão divididas entre: i) casas de perguntas; ii) casas de violação/promoção dos DH; iii) uma casa de prisão.

Existem três formas de se ir para a prisão: i) Caíndo na casa que indica ‘Vá para a prisão’, ii) pegar uma carta de Violação ou Promoção que te manda para a prisão ou iii) respondendo errado três vezes seguidas as cartas de Violação ou Promoção. Para sair da prisão existem duas formas: Pagar a fiança, o jogador opta por perder 3 pontos, pagando a fiança e ficando livre. Outra forma de sair da prisão é utilizando a carta curinga *Habeas Corpus*.



IV Semana LECampo UFTM
Educação Básica do Campo:
da escola pensada à escola vivida
20 a 23 de Setembro de 2023

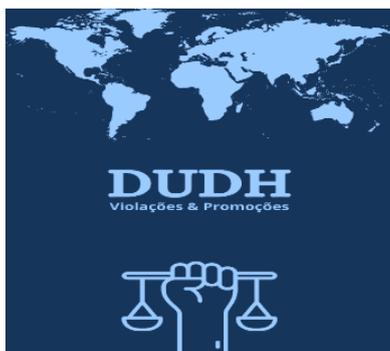
Figura 1 – Tabuleiro do Jogo.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2023).

O objetivo do jogo é que ao longo do percurso, os jogadores respondam questões e tomem consciência dos Direitos Humanos (DH) presentes nos artigos da DUDH. Portanto, além do tabuleiro, o jogo possui 2 tipos de cartas (Figura 2): i) Carta Pergunta, com perguntas sobre os artigos da DUDH; ii) Carta Violação/Promoção, com descrição de situações de violação ou promoção dos DH. Caso o peão de jogo pare na casa Violação/Promoção, o jogador deve pegar uma carta de Violação/Promoção e cumprir o que a mesma indica. Caso o peão de jogo pare na casa com uma interrogação, o jogador responderá uma pergunta das Cartas de Pergunta. A resposta certa dá ao jogador 3 pontos. No meio das Cartas de Pergunta, existe uma carta curinga, denominada *Habeas Corpus*, que pode ser guardada para ser utilizada em qualquer momento do jogo. Essa carta dá o direito de saída livre da prisão.

Figura 2 – Cartas do jogo, desenvolvidas a partir do documento da Organização das Nações Unidas (1948). À esquerda à frente da carta de Violações/Promoções, à direita é uma carta do tabuleiro.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2023).

Vence o jogo, o jogador que alcançar a casa Meio Ambiente somando 15 pontos ou mais, ou o jogador que tiver o maior número de pontos depois de 3 voltas no tabuleiro⁴.

Palavras-chave: Jogo Didático. Direitos Humanos. Educação.

⁴ Professor(a) colaborador(a): Profa. Dra. Tânia Halley Oliveira Pinto, tania.halley@uftm.edu.br, UFTM.



IV Semana LECampo UFTM
Educação Básica do Campo:
da escola pensada à escola vivida
20 a 23 de Setembro de 2023

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, M. V. Educação em Direitos Humanos: de que se trata? 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/9_benevides.pdf. Acessado em: 13 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos direitos Humanos, 1948.



MATEMÁTICA COM SIGNIFICADO: MATERIAL CURRICULAR A PARTIR DA PRÁTICA SOCIAL DA PRODUÇÃO DE MANDIOCA

Jadi Dias Andrade
d202120555@uftm.edu.br
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Este resumo tem como objetivo apresentar uma experiência da autora, realizada durante o Tempo-Comunidade, a partir de uma Prática como Componente Curricular (PCC) da disciplina de *Pesquisa, Ensino e Aprendizagem da Matemática I* (PEAM I), ministrada pelo Prof. Dr. Fernando Luís Pereira Fernandes⁵ no semestre letivo de 2023.1. Como PCC, o docente responsável solicitou a elaboração de um material curricular em matemática no formato de um livro. A autora produziu o livro "**O Poder da Matemática no Cultivo da Mandioca: Funções Lineares em Ação**", que foi desenvolvido com base na Metodologia de Resolução de Problemas, buscando explorar a especificidade do campo e suas particularidades, visando o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais adequadas e contextualizadas.

O material foi produzido com o objetivo de fornecer uma abordagem prática e aplicada ao contexto do campo para abordar a formulação e a resolução de problemas relacionados ao estudo de Funções Lineares, o qual foi estudado na disciplina *Funções e suas Aplicações no Campo Agrário*, durante o 2º período do curso pela autora e revisitado em PEAM I. O livro abrange desde conceitos fundamentais da disciplina até abordagens práticas e exemplos aplicados ao cotidiano do campo. O material foi elaborado para estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, na modalidade de ensino regular.

Sobre a formulação de problemas, Chica (2001) destaca a sua importância para os alunos, mas reconhece que esses estão acostumados a apenas resolver problemas. Portanto, é crucial que formular problemas seja o primeiro passo para encontrar soluções significativas.

A prática social escolhida foi o cultivo e plantio de mandioca da família da autora, que reside na Comunidade Teiú, localizada no município de Rio Pardo de Minas, no Norte de Minas Gerais. A mandioca desempenha um papel vital na vida dos moradores. Essa prática social do cultivo é um pilar econômico e social para a comunidade, promovendo o desenvolvimento local e a sustentabilidade da região. É de extrema importância a produção de um material curricular, especialmente em contextos educacionais rurais, onde não existe um livro didático específico que dialogue com as necessidades do campo bem como sua cultura e tradição.

⁵ Professor colaborador: Prof. Dr. Fernando Luís Pereira Fernandes. fernando.fernandes@uftm.edu.br. UFTM.



Ao desenvolver um material curricular contextualizado, é possível incorporar exemplos e situações do dia a dia dos alunos, relacionando o conteúdo com suas vivências e conhecimentos prévios. Isso facilita a aprendizagem, pois os estudantes conseguem fazer conexões entre o que estão aprendendo, sua própria experiência e trazendo amplo significado. Segundo Onuchic e Allevato (2009), a Resolução de Problemas deve ser vista como a principal estratégia no ensino de matemática.

Como educadora do campo, isso me faz refletir sobre a necessidade de um material curricular que valorize e reconheça a Educação do campo, permitindo que os educandos tenham acesso a uma educação de qualidade baseada em seus conhecimentos relacionados ao seu trabalho e à sua realidade. Essa abordagem enriquece o processo de aprendizagem, promovendo uma compreensão mais profunda e significativa. Pensar na Educação do Campo é identificar uma riqueza de conhecimentos e saberes presentes nessa cultura e território.

Palavras-chave: Prática Social. Educação do Campo. Contextualização. Material Curricular.

REFERÊNCIAS

CHICA, C. Por que formular problemas? In: SMOLE, K. S, DINIZ, M. I. **Ler, escrever e resolver problemas:** habilidades básicas para aprender matemática. Porto Alegre: Artmed, 2001, p.151-173.

ONUCHIC, L. R.; ALLEVATO, N. S. G. Trabalhando volumes de cilindros através da resolução de problemas. **Educação Matemática em Revista - RS**, v.1, n. 10, p. 95-103, 2009. Disponível em: http://www.sbemrs.org/revista_mat_10_V1.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.



PRODUÇÃO DE UM MATERIAL CURRICULAR DE MATEMÁTICA PARA ALUNOS DO CAMPO

Cecília Barbosa Alves
d202120551@uftm.edu.br
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Este resumo tem como objetivo apresentar o resultado de um trabalho realizado no Tempo-Comunidade, com a construção de um material curricular em matemática sobre função afim, direcionado aos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, na modalidade de ensino regular. O trabalho foi proposto pelo Prof. Dr. Fernando Luís Pereira Fernandes, responsável pela disciplina *Pesquisa, Ensino e Aprendizagem da Matemática I*, ofertada no quarto período do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Área do Conhecimento Matemática.

O intuito do material produzido foi apresentar a Metodologia de Resolução de Problemas envolvendo uma prática realizada no campo. A educação deve priorizar a Resolução de Problemas como a estratégia principal de ensino, assim, aprendizagem será um resultado natural do processo de resolução de problemas (Onuchic e Allevato 2009).

Para contextualizar essa metodologia, optou-se por abordar o conteúdo de função afim a partir da prática do cultivo do milho, uma atividade comum na comunidade Bonfim, localizada no município de Rio Pardo de Minas – MG, sendo uma importante fonte de renda para os moradores. O título do livro produzido foi "Funções e suas aplicações no contexto do campo: uma análise da presença das funções no cultivo do milho". O livro apresenta uma contextualização da prática, descrevendo como ela é realizada na comunidade, e a partir dessa descrição, foi elaborado o seguinte problema gerador:

Ao cultivar uma lavoura de milho, um agricultor tem um custo fixo de 2.500 reais mais um custo variável de 5 reais por cada saco de milho colhido. Se ele colher 30 sacos de milho, qual será o custo total da produção? E se ele colher 40 sacos de milho? Qual o custo total em uma colheita de n sacos de milho?

Levando em conta a resposta às questões antes, houve uma organização dos dados na tabela a seguir, para melhor representar a relação e perceber a regularidade.

Tabela 1 - Relação do custo de produção e a quantidade de milho

Quantidade de milho (sacos)	Custo de Produção
30	$1.500 + 5 \cdot 30 = 1.650$
40	$1.500 + 5 \cdot 40 = 1.700$
N	$1.500 + 5 \cdot n = 5n + 1.500$

Fonte: Elaborado pela autora



O material também propõe outros 15 problemas relacionados ao contexto camponês. Além disso, também inclui a resolução comentada dos problemas, para auxiliar os alunos e professores. Essa experiência proporcionou uma nova visão sobre a Metodologia de Resolução de Problemas e sobre a importância das práticas sociais no ensino de matemática, principalmente em escolas do campo. Produzir um material curricular em matemática contextualizado com o campo é extremamente relevante, já que os livros didáticos geralmente não seguem essa abordagem. Ao trabalhar com situações reais e concretas, os estudantes são desafiados a aplicar os conhecimentos matemáticos de forma prática e a desenvolver habilidades como raciocínio lógico, capacidade de resolver problemas e analisar dados.

Portanto, essa contextualização com o campo contribui para um aprendizado mais significativo, aumenta a motivação dos alunos, fortalece a relação entre teoria e prática, além de valorizar as culturas dos sujeitos camponeses.

Palavras-chave: Material Curricular. Resolução de Problemas. Práticas Sociais. Função afim.

REFERÊNCIAS:

ONUCHIC, L. R.; ALLEVATO, N. S. G. Trabalhando volumes de cilindros através da resolução de problemas. **Educação Matemática em Revista - RS**, v.1, n. 10, p. 95-103, 2009. Disponível em: http://www.sbemrs.org/revista_mat_10_V1.pdf. Acesso em: 13 ago. 2023.



QUESTÕES MATEMÁTICAS RELACIONADAS AO CRESCIMENTO DOS PÉS DE MANDIOCAS UTILIZADAS PARA A PRODUÇÃO DE POLVILHO

Fabiula Costa Lima
d202220218@uftm.edu.br
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Este resumo é resultado de um trabalho de Tempo-Comunidade realizado para a disciplina de Funções e suas Aplicações no Campo Agrário⁶, desenvolvida no 2º período do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (LECampo/UFTM). No trabalho, a proposta foi escrever sobre uma prática social realizada na comunidade em que vivemos e como a matemática, nesse caso as ideias relacionadas às Funções, estavam presentes na prática escolhida por nós. A prática social por mim escolhida foi a produção de polvilho, pelo fato de ser uma prática realizada na minha família que reside em uma comunidade campesina do norte mineiro. No trabalho descrevi desde o preparo do solo para a plantação de “manaíba” principal elemento para a produção de polvilho, até a secagem e ensacamento do polvilho.

O trabalho para obter o polvilho azedo passa por algumas etapas. Primeiramente o preparo do solo, gradear a terra e adubar, se necessário. Após essa etapa, é o momento do plantio, que é abrir covas que tenham de 5 cm a 10 cm de profundidade para jogar as “manaibas” cortadas em pedacinhos de 15 cm e 2,5 cm de diâmetro. Após terminar o período de plantio da roça, é preciso esperar o ciclo da mandioca, que é aproximadamente de um a dois anos, de acordo com o tipo de solo, para que possa começar a colheita.

Depois da colheita, as mandiocas chegam na tenda de roda, local onde é fabricado o polvilho, para serem descascadas. Alguns utilizam o descascador movido à energia elétrica e outros ainda a forma de raspagem manual com faca. Depois de descascar é o momento das mandiocas serem lavadas para serem trituradas. Após a trituração, a massa que é obtida passa por um funil com água, acima de um tanque onde apara um líquido leitoso que contém o amido, é necessário esperar de um a dois dias para a decantação do amido no fundo do tanque. Depois disso o líquido é liberado e são retirados os torrões da goma. Em outro recipiente com água raspa-se a camada de cima para não ficar nenhuma impureza, depois de ter acontecido esta etapa conhecida como coagem, os torrões da goma são passados no motor para serem triturados. Após concluir essa etapa, o polvilho é triturado levado para terreiros feitos de cimento para a secagem. O tempo de

⁶ Professora colaboradora: Profa. Dra. Luzia de Fatima Barbosa Fernandes, luzia.fernandes@uftm.edu.br, UFTM.



secagem varia de acordo com a temperatura, em dias de sol muito quente é mais rápido e depende também da quantidade de polvilho distribuída. Depois da secagem, o polvilho já pode ser embalado para venda.

Após ter descrito todo o processo da produção e sobre como é realizada, em seguida elaborei questões relacionadas à produção de polvilho. Vejamos abaixo uma das questões, com base em dados produzidos nas pesquisas em que realizei no Tempo-Comunidade sobre o crescimento da planta da mandioca. A questão formulada foi a seguinte: *Como podemos calcular o tamanho do pé de mandioca para saber o quanto ele cresceu em um ano? Considerando que o pé de mandioca no final do 1º mês tenha 5 cm, qual será sua altura ao final do 12º mês? Com a representação dos dados em uma tabela, qual é a função que está sendo representada? Em seguida crie os pares ordenados e represente a função no gráfico.* A resposta foi que se trata da representação de uma Função Linear, do tipo: $f(x) = 5.x$. Alguns pares ordenados (x,y) encontrados, estão apresentados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Relações entre o mês e o tamanho da planta.

Mês	Tamanho da planta da mandioca
$x = 1^\circ$	5 cm = 5.1
$x = 2^\circ$	10 cm = 5.2
$x = 3^\circ$	15 cm = 5.3
$x = 4^\circ$	20 cm = 5.4
$x = 5^\circ$	25 cm = 5.5
....
x	$5.x$

Fonte: Elaborada pela autora.

Assim, com a realização deste trabalho de Tempo-Comunidade sobre a plantação de mandioca e produção do polvilho, pude observar que a matemática vai muito além da sala de aula e dos livros didáticos, que como nessa prática social realizada em minha família e em várias outras podemos observar que tem matemática envolvida.

Palavras-chave: Mandioca. Produção de Polvilho. Matemática. Estudo de Funções.



FÍSICO-QUÍMICA NO CONTEXTO DO CAMPO CONTEXTUALIZANDO COM A PISCICULTURA FAMILIAR

Mirele Cristina de Souza Alves
mirelecristina@terra.com.br
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

A piscicultura camponesa é um tipo de agricultura familiar que envolve a criação de peixes em pequena escala por comunidades rurais. É uma atividade que geralmente ocorre em áreas de pequenas propriedades, onde os agricultores criam peixes para consumo próprio ou para venda local. No caso do meu irmão, que mora na área urbana, na cidade de Pitangueiras/SP, ele adaptou essa prática no quintal de sua casa, para consumo próprio. Diego normalmente utiliza tanques e viveiros de pequeno porte para criar os peixes e de diversas espécies, como tilápia, nilótica, Saint Peter e carpa capim: em seu cultivo tudo se aproveita e nada é desperdiçado.

Um dos principais fatores que a físico-química aborda é a qualidade da água, em seus fatores como pH, temperatura, oxigênio dissolvido, amônia, nitrito e nitrato e são fundamentais para garantir o ambiente adequado para os peixes criados. Por meio da análise desses parâmetros, é possível monitorar e controlar as condições da água, evitando problemas de saúde e garantindo o crescimento saudável dos peixes. As técnicas utilizadas por Diego apresentam muitas relações com o estudado em Físico-Química no contexto do Campo, como a composição nutricional dos alimentos necessários aos peixes e sua formulação para atender às necessidades específicas das espécies criadas.

Durante o tempo-escola vimos conceitos que dialogam com a piscicultura, a exemplo da diluição, processo que envolve a adição de um solvente a uma solução ou substância, resultando em uma diminuição da concentração da substância original, prática esta utilizada no tratamento de água nos tanques de criação de peixes. Se a água estiver contaminada com substâncias tóxicas ou em concentrações indesejáveis, é possível diluí-la adicionando água limpa em uma proporção adequada para diminuir a concentração dessas substâncias e garantir um ambiente saudável para os peixes. Alguns alimentos, como rações ou suplementos nutricionais, também são diluídos em água antes de serem fornecidos aos peixes, para facilitar a sua ingestão.

A cinética química embora, não estejam diretamente relacionadas à piscicultura, guarda conexões indiretas que envolvem o tratamento da água e reações químicas que ocorrem em diferentes taxas de velocidade. O entendimento da cinética química pode auxiliar na seleção dos produtos químicos adequados e nas dosagens corretas para cada processo de tratamento e de processos químicos relevantes, como a produção de alimentos para peixes, a síntese de compostos



utilizados no tratamento de doenças ou a remoção de compostos tóxicos da água. O conceito de equilíbrio químico também está relacionado à piscicultura, a exemplo da qualidade da água, manejando a manutenção de um equilíbrio químico adequado na água, que é fundamental para a saúde e o bem-estar dos peixes.

O controle de dispersões químicas pode ser usado para monitorar substâncias químicas, como produtos para o tratamento de água, medicamentos ou fertilizantes. É importante controlar essas substâncias para que não se dispersem de maneira descontrolada no ambiente, interferindo nos sistemas ecológicos naturais, além de evitar danos aos peixes. Dessa forma, o entendimento e o controle do equilíbrio químico são fundamentais para garantir a saúde dos peixes e a eficiência dos sistemas de criação. Portanto, a aplicação dos conceitos de físico-química na piscicultura contribui para garantir o cultivo sustentável de peixes, maximizando o crescimento e a saúde dos animais, e minimizando os impactos ambientais negativos.

Palavras-chave: Piscicultura. Físico-química. Água. Peixes.

REFERÊNCIAS

OTONI, Carlos José. Piscicultura na agricultura familiar: Estudo de Caso do Projeto de Desenvolvimento Sustentável. Diamantina, MG: UFVJM, 2012. Disponível em: <http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/bitstream/1/835/1/carlos_jose_otoni.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

EMBRAPA. Água na piscicultura. Brasília, DF: Embrapa. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/93111/1/agua.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2023.



OS SABERES DA PESCA: DIÁLOGOS ENTRE O CONHECIMENTO TRADICIONAL E O CIENTIFICO

Michael Tavares Gonçalves
michaeltg6767@gmail.com
Universidade Federal do Triângulo Mineiro⁷

Nasci na cidade de Unaí, Minas Gerais, no ano de 1999. Como venho de família pescadora, esse tema se relaciona muito ao meu cotidiano, já possuí licença para pesca amadora de barco, e meus avós possuíam licença profissional para a atividade, até se aposentarem. Esta é a motivação maior pela escolha do tema, e nesse trabalho trago informações sobre a pesca artesanal. Em breves textos, destaco a influência da Lua na pesca, os tipos de pesca e equipamentos nela utilizados, além da pesca embarcada e da pesca de barranco.

Frente a estas considerações e minha vivência com a prática social da pesca, enunciamos a seguinte questão: De que modo podemos compreender a prática social da pesca artesanal, enquanto prática educativa? Para tanto, delineamos como objetivo geral compreender a prática social da pesca artesanal em rios, enquanto prática educativa. Os objetivos específicos consistem em (i) descrever a prática social da pesca artesanal e (ii) refletir sobre a pesca artesanal como prática educativa.

A pesca artesanal no Brasil é uma atividade que tem origens históricas, culturais e socioeconômicas, dependendo da região e do ecossistema onde é praticada. Clauzet, Ramires e Begossi (2005) afirmam que a pesca artesanal surgiu de uma falência na economia dos ciclos cafeeiro e açucareiro do Brasil Colônia e, também, devido à necessidade de exploração de outros meios que não fossem os recursos de flora e fauna litorâneas, como o palmito, a caxeta e os animais de caça.

Essa pesquisa foi realizada diretamente com os pescadores e pescadoras da região noroeste do Estado, em seu ambiente de trabalho, como mostra a Figura 1, e a entrevista foi relacionada diretamente sobre conhecimentos científicos e tradicionais de quem desenvolve a prática, se possuem licença específica para sua realização, se essa licença auxilia ou dificulta a vida dos pescadores, uma vez que são divididas em categorias específicas. A pesquisa contou o trajeto que o pescador artesanal faz durante o dia para realizar a pesca, equipamentos por eles utilizados e os conhecimentos tradicionais que possuem, em interação com os científicos.

⁷ Este texto é recorte de um trabalho de conclusão de curso da LECampo/UFTM, orientado pelo Prof. Daniel Ovigli, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: daniel.ovigli@uftm.edu.br.



O pescador se chama Cezar Rodrigues, tem 48 anos, é filho de pescadores e pratica a atividade desde criança: em 2003 deixou de trabalhar na agroindústria para tornar-se pescador profissional. Possui 20 anos de profissão, porém pescava em situação amadora há muitos anos.

Figura 1 – Pescador artesanal em seu ambiente de trabalho durante a entrevista



Fonte: autor (2023)

Palavras-chave: Embarcada. Barranco. Brasil Colônia. Pescador Profissional.

REFERÊNCIAS

CLAUZET, M., RAMIRES, M., BEGOSSI, A. Pesca artesanal e conhecimento local de duas populações caiçaras (Enseada do Mar Virado e Barra do Una) no litoral de São Paulo, Brasil. *Interciência*, v. 30, n. 7, p. 388-395. 2005.



O ENSINO DO SOM POR MEIO DA PRÁTICA SOCIAL DAS FOLIAS

Keilla Kawany Lima Nascimento
keillakawany4@gmail.com
UFTM

Fatima Kelly de Lima Nascimento
fatimakelly567@gmail.com
UFTM

O presente texto é resultado do trabalho de tempo comunidade (T.C.) da disciplina Pesquisa, Ensino e Aprendizagem de Física, do curso de Licenciatura em Educação do Campo, área do conhecimento Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Ainda durante o tempo escola (T.E.), em abril/maio de 2023, discutimos como contextualizar conceitos de Física a partir de práticas sociais do campo. E para o T.C. deveríamos escolher uma prática social do campo e conceitos de Física que poderiam emergir dela a fim de construir um plano com 5 aulas. Assim, procuramos introduzir conceitos de Som através da prática social que é a Folia.

As folias são festas populares tradicionais no Brasil de muita cantoria e que utilizam vários instrumentos musicais (viola, violão, pandeiro, chocalho, bumbo, dentre outros). Segundo Brandão (1977, p. 4) a folia é “um grupo precatório de cantores e de instrumentistas, seguidos de acompanhantes, e viajadores rituais, entre casas de moradores rurais”.

As folias podem acontecer durante todo o ano: as de Reis (remete à história dos Três Reis Magos), entre final de dezembro e início de janeiro ou as de padroeiros que ocorrem no período, semana ou mês, do santo padroeiro. Hoje em dia, as folias também podem apresentar-se fora do calendário religioso a depender de uma demanda da comunidade ou convite (por exemplo, apresentação em uma escola, sindicato ou associação).

A ideia da Folia enquanto prática social do campo surgiu a partir da vivência que temos da Folia do município de Riacho dos Machados, região Norte do estado de Minas Gerais. O município conta hoje com 8.756 habitantes (IBGE, 2023). A maior folia do município de Riacho dos Machados é a Folia de Santo Antônio, a Festa do Padroeiro do Riacho dos Machados começa no dia 1º de junho e termina no dia 13 de junho, os foliões saem em romaria pelas ruas e visitam algumas casas e nessas paradas cantam versos e rezam, eles andam o dia todo até por volta das dezoito horas. Hoje em dia, a romaria vai até à igreja, onde os fiéis já aguardam com bandeiras e cânticos, depois das cantorias é rezado o terço e, em seguida, servem um jantar para os foliões e romeiros. Antes e depois do jantar, os celebrantes fazem um desafio de versos e abençoam a mesa. Após o jantar, a festa começa com melodias de viola e canções cantadas por cantores locais. Os



integrantes do grupo vestem trajes coloridos e dançam e tocam músicas típicas com diversos instrumentos.

Nosso plano de aulas contou com os seguintes objetivos: i) entender a importância da folia para a comunidade; ii) compreender o conceito de ondas sonoras; iii) compreender como se dá a propagação do som; iv) conhecer alguns fenômenos sonoros como a reflexão, interferência e a ressonância; v) conhecer algumas características do som, como a frequência, a amplitude e o timbre. Todo o planejamento das nossas 5 aulas foram mediadas pelos instrumentos, sons e cantorias da folia de Riacho dos Machados.

É de suma importância ensinar os conceitos de Física contextualizando com a realidade da comunidade em que os alunos vivem. Retomar a importância e reconhecer a identidade do sujeito de Riacho dos Machados possui o potencial de despertar o interesse dos alunos não só para os conceitos de Física, mas também para chamar a atenção para a importância da valorização das nossas culturas e raízes do campo. Com o presente trabalho buscamos apresentar essa prática para que as pessoas entendam a importância da folia buscando contextualizar os conceitos relacionados ao Som.

Palavras-chave: Folia. Física. Som. Comunidade. Prática social.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **A folia de Reis de Mossamedes**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, Fundação Nacional de Arte-Funarte, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Cidades:** Riacho dos Machados. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/riacho-dos-machados/panorama>, acesso em 08/09/2023.



PRODUÇÃO DE MEL COMO PRÁTICA SOCIAL NA COMUNIDADE DE PISCAMBA NA CIDADE DE JEQUERI, MG

Márcio Machado de Matos Júnior
d202220374@uftm.edu.br
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

O presente texto tem o objetivo de apresentar um relato de experiência de uma atividade desenvolvida na disciplina de Funções e suas Aplicações no Campo Agrário⁸ do 2º período (2023.1), do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (LECampo/UFTM). Para D'Ambrósio (2008), a Etnomatemática busca contribuir para que as novas gerações conheçam e reconheçam uma matemática cultural, ligada ao cotidiano de diversos grupos étnicos. Trata-se de uma postura no processo de ensino-aprendizagem da disciplina com a incorporação no currículo matemático do conhecimento advindo da vida do aluno, envolvendo diversos valores humanos, como, por exemplo, a cooperação e a ética. Assim, a proposta da disciplina oportunizou experienciar o processo de uma produção de mel de um apicultor e agricultor da cidade de Jequeri, MG, em parceria com a Escola Família Agrícola de Jequeri (EFAJ). O trabalho construído como atividade avaliativa foi confeccionado no Tempo-Comunidade (TC) e, posteriormente, apresentado no período de retorno da disciplina. A finalidade foi impulsionar o ensino e aprendizagem dos estudantes com uso de Funções em atividades do seu dia a dia.

O agricultor e apicultor é parceiro da Escola Família Agrícola de Jequeri, possui uma área de reflorestamento, ao qual tem uma criação de abelhas em parceria com a EFAJ. O apicultor possui cerca de 50 colmeias novas, que podem produzir de 10 até 80 litros de mel por ano. Como suas colmeias são novas, das 50 de seu Apiário, só 20 produziram, e sua colheita foi uma média de 100 litros de mel. São feitas duas colheitas por ano e a melhor época de colheita e florada de sua região é no início de março até agosto, no inverno. A época de colheita é quando os favos estão cheios ou percolado, que são chamados de mel maduro, não é recomendado colher antes da hora, pois a umidade pode atrapalhar o mel. As suas caixas são modelo Longstroth, que é uma caixa padronizada com caixilhos, o produtor também utiliza cera alveolada para adiantar o trabalho das abelhas. O local da instalação do seu apiário é às margens de mata com meia sombra, próximo a água. Suas caixas ficam em cima de cavaletes em local cercado, longe de casas e estradas para evitar acidentes.

⁸ Professora colaboradora: Profa. Dra. Luzia de Fatima Barbosa Fernandes, luzia.fernandes@uftm.edu.br, UFTM.



Figura 1 – Apiário.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Com a descrição da prática social, foram desenvolvidas atividades relacionadas à Função Afim com uso de tabelas e gráficos para definir a quantidade de mel produzida em um determinado período e depois solucionado. O problema formulado foi o seguinte: *Qual a relação que podemos estabelecer entre a quantidade de colmeias e sua produção anual? Considerando uma produção de 10 litros/colmeia por ano?* A tabela 1 mostra os resultados quanto à produção de mel em litros.

Tabela 1 – Relação entre colmeias e produção em litros

Quantidade de Colmeias	Litros de Mel
$x = 1$	$y = 10. 1 = 10$
$x = 2$	$y = 10. 2 = 20$
$x = 3$	$y = 10. 3 = 30$
$x = 4$	$y = 10. 4 = 40$
...	...
x	$y = 10. x$

Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando essa produção, chegamos na Função Linear $f(x) = 10x$, que é um caso particular de Função Afim.

Palavras-chave: Prática social. Função Afim. Educação Matemática.

REFERÊNCIAS

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: um programa. **Educação Matemática em Revista**. Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), Blumenau, n.1, ano 1, p. 5-11, 1993.



A ESSÊNCIA DA MÍSTICA COMO PRINCÍPIO INSPIRADOR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO E NOS MOVIMENTO SOCIAIS

Eusiane de Jesus Ferreira Paraizo
Eusiannyferreira88@gmsil.com
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

INTRODUÇÃO

Este texto explora a influência da mística como princípio inspirador da educação do campo e dos movimentos sociais. A mística transcende as questões tangíveis e impulsiona a busca por significados mais profundos. Neste trabalho⁹, mergulharemos em um conceito que tem servido como um farol de inspiração e transformação para grandes movimentos sociais e para educação do campo na EFA e na Lecampo. A mística, que transcende o tangível e incita à busca por um significado mais profundo, encontrou seu lugar dentro do coração de quem se interessa em participar de momentos que inspira outras pessoas a se interessarem por eventos, por poesia e por uma educação mais inclusiva. Os elementos que são utilizados nas místicas geram ações e aspirações nos movimentos sociais.

Como assinala Bogo (2012), a mística dentro dos movimentos sociais, seja na Escola Família Agrícola Tabocal (EFA Tabocal) localizada na cidade de São Francisco-MG ou Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), dentre outros, não é apenas uma batalha por educação contextualizada, terras e recursos, mas também uma busca pela realização de valores mais profundos, que ecoam na busca existencial das pessoas por liberdade e justiça. No contexto da educação do campo presente nas Escolas famílias Agrícolas (EFA), Licenciatura em Educação do Campo (LECampo) e movimentos sociais, a mística não é apenas espiritual, mas também está enraizada na ligação com a terra e como nós que estamos envolvidos nesses espaços valorizamos a visibilidade de comunidades tradicionais. Música, poesia, rituais e símbolos como; livros bandeiras, plantas são usados para fortalecer a coesão e a motivação no momento da mística.

A mística é como uma força propulsora, dando resiliência diante das dificuldades e orientando a luta pela justiça social, pela cultura e pela educação. A mística no contexto do campo não se trata apenas da relação com o divino, mas de uma ligação com a terra, com a natureza, com a coletividade e com a visão de um mundo mais justo para os sujeitos que sonham com a equidade na sociedade brasileira. Bogo (2000), cultura para nós é tudo o que criamos. As expressões da mística nas EFAs e nos movimentos sociais, incorporam rituais e símbolos que fortalecem seus

⁹Professor(a) colaborador(a): Prof. Dr. José Henrique Singolano Nespoli, jose.nespoli@uftm.edu.br, UFTM.



propósitos e suas lutas. Marchas, músicas, poesias, acampamentos e celebrações não são apenas ações práticas, mas também cerimônias cheias de simbolismo, conectando todos os sujeitos envolvidos em um só propósito, valorização e busca por direitos.

Figura 1 – Mística na EFA de Jacaré



Fonte: Professor Inacio da EFA-Jacaré- MG

Figura 2 – Mística na EFA Tabocal



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Como aponta Bogo (1996), na mística encontra expressão na ligação intensa com a terra. A luta por uma educação do campo, luta pela reforma agrária é alimentada por um profundo respeito pela natureza e uma compreensão da terra como um recurso compartilhado, que transcende os limites individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas comunidades rurais que têm ligações com os movimentos sociais ou com a EFA, que também é um movimento social, pode-se observar como o trabalho com a mística consiste num importante fator de fortalecimento da coletividade e da solidariedade como elementos fundamentais para a transformação da vida e da sociedade.

Palavras-chave: Mística; Compromisso social; luta por direitos; Formação do sujeito

REFERÊNCIAS

- BOGO, Ademar. Sem Terra. As Músicas do MST. São Paulo: MST, 1996.
- BOGO, Ademar. O MST e a cultura. MST. Caderno de Formação p. 34. outubro, 2000
- BOGO, Ademar. XIII Mística, misticismo e mistificação. p. 89. 2012



A MÍSTICA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Jéssica Barbosa Nunes¹⁰
jessicabarbosanunes@gmail.com
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

A mística é uma prática realizada com frequência na Educação do Campo e pode ser vista como aproximação da história de cada sujeito que luta pela terra e pela educação. Atualmente, já existem grupos que pesquisam a mística nas suas diversas relações, em diversos estados, com o objetivo de desvendar os mistérios dela. A mística é um momento reflexivo realizado nos movimentos sociais, nas escolas do campo, nas licenciaturas em Educação do Campo e tem como objetivo a promoção do encantamento interior, buscando uma conexão mais significativa consigo mesmo e com o mundo.

A mística busca compreender e vivenciar aspectos culturais, espirituais, filosóficos, literários e políticos. Nesse sentido, na mística valoriza-se as culturas regionais, com o objetivo de resgatar aquelas tradições que por algum momento foram esquecidas, como: danças típicas, rituais religiosos e outros. É importante ressaltar que na mística existe a luta por igualdade, por justiça, pela terra, por direitos, por educação e por tudo que for necessário (BOGO, 2012).

Contudo,

nos estudos das ciências da religião e na filosofia da linguagem, pode-se compreender que a mística, em suas manifestações subjetivas, ultrapassa o espectro do sagrado e introduz-se na vida social e na luta política, numa clara aproximação da consciência do fazer presente com a utopia do futuro. A diversidade de relações sociais, políticas, éticas e culturais se sustenta sobre a base do pertencimento a coletividades que expressam, desde o aparecimento da sociedade de classes, a memória das tradições insurgidas, interrompidas pela violência do poder dominante, contra a continuidade da dominação. Uma a uma, essas tradições retornam pelo trabalho de memória da mística, que não esquece e nem abandona as gerações que lutaram no passado, mesmo não as tendo conhecido (BOGO, 2012 p.475).

Na Escola Família Agrícola Tabocal, a mística é realizada antes das refeições, como um momento de reflexão e agradecimento pelo alimento que temos em mesa, como de costume, fazemos uma oração de agradecimento. Além dessa mística, realizamos outras, enfatizando a importância da natureza, da vida, da educação, do alimento e tudo que nos faz bem. Em todos os eventos após o momento místico, cantamos algumas músicas que fazem parte dos “cantares da Educação do Campo” e que traz alegria e força para caminharmos juntos, recitamos poesias e às

¹⁰ Professor colaborador: Prof. Dr. José Henrique S. Néspoli, jose.nespoli@uftm.edu.br, Lecampo/UFTM



vezes entramos com alguns objetos simbólicos, como terra, água e outros, com o objetivo de trazer uma reflexão para o público.

A mística é como a força de germinação que existe dentro das sementes. Assim como saem da dormência as gêmulas das sementes, despertam as pessoas para a história como sujeitos conscientes de suas funções sociais. Descobrem as potencialidades das mudanças adormecidas nos contextos sociopolíticos e desvendam, na penumbra dos processos, possibilidades de agregar elementos diferenciadores que impulsionam as mudanças sociais. Como assinala Bogo (2012), o carisma da luta social se manifesta na diversidade do empenho de cada sujeito para fazer o belo. A criatividade que surpreende a opressão surge das práticas mais simples, originadas na inspiração de produzir o novo. No fazer coletivo, destacam-se lideranças, projetam-se cantadores, poetas e animadores, como se fossem variedades novas de sementes em germinação que desconheciam o potencial que traziam em si mesmas. Dessa forma, a política vira arte e a arte ganha função política nas ações e eventos

Portanto, a mística tem sua importância ao ocupar diversos espaços, fazer parte do coletivo de mística é se comprometer a levar a arte, o que é belo para o público e fazer com que ele se sinta parte e sujeito da educação do campo e das lutas sociais.

Palavras-chaves: Mística. Diversidade. Educação do Campo

REFERÊNCIAS

BOGO, Ademar. Mística in: CALDART, Roseli S. [et.al]. **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 473 – 477.



TEATRO GABIRÚ: CÂMERA EM AÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE EM CENA

Jadi Dias Andrade
d202120555@uftm.edu.br
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Este resumo tem como objetivo apresentar um relato de experiência da autora, de uma atividade desenvolvida de forma interdisciplinar entre as disciplinas de *Funções e suas Aplicações no Campo Agrário*, *Educação em Direitos Humanos* e *Ecologia Geral no Contexto da Educação do Campo*, do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (LECampo/UFTM).

O desenvolvimento da atividade no contexto na disciplina de *Funções e suas Aplicações no Campo*, teve como objetivo principal explorar e discutir conceitos relacionados à conjuntos e suas operações. Especificamente, com ênfase nos conceitos de união, interseção, agrupamentos e classificação de elementos nestes e dentro desses conjuntos (IEZZI; MURAKAMI, 2007)

Na disciplina de *Educação em Direitos Humanos* foram abordadas a dimensão de ampliar olhares e horizontes no reconhecimento da dignidade e seu valor, em seus direitos e nos direitos do próximo, bem como a construção de uma sociedade pautada na aplicabilidade dos Direitos Humanos. A disciplina explorou e discutiu claramente as violações dos direitos no cotidiano, no sentido da luta e busca pelos seus direitos e pela dignidade inerente (GENTILI, 2008).

Na disciplina de *Ecologia Geral no Contexto da Educação do Campo*, foram abordados os seguintes conteúdos: paisagem ou mosaico ambiental, organização econômica e produção de alimentos, organização dos seres vivos em populações e comunidades, conceitos de cadeia e teia alimentares, biodiversidade e conservação ambiental, conceito de praga agrícola e suas relações com os modelos produtivos, aspectos da agrobiodiversidade relacionados à ecologia de populações, incluindo as taxas de natalidade e mortalidade, e ecologia de paisagem, habitat, e microecossistemas (BEGON; TOWNSEND; HARPER, 2007).

A atividade que envolveu essas três disciplinas foi a construção do *Teatro Gabirú*. O grupo teatral, formado pelos educandos do 2º período da LECampo/UFTM (2022.1), desenvolveu um enredo situado em uma pequena cidade interiorana, chamada Tangamandápio, que enfrentava um problema de superpopulação de queixadas em uma plantação de milho. Isso resultou em perdas significativas para os pequenos produtores rurais, incluindo aqueles de grande produção. Os personagens presentes nas cenas incluíram a Vereadora da cidade, que foi eleita pelo povo e orientou os produtores a elaborarem uma proposta para a câmara municipal. Essa proposta visava



organizar uma reunião representativa da comunidade para abordar o problema da invasão de queixadas nas plantações de milho. No tempo da peça, uma semana após a orientação da Vereadora, a reunião foi realizada. Durante a reunião, foram convidados representantes do agronegócio, agricultura familiar, ambientalistas e funcionários públicos para compor a mesa de discussão.

No final do tempo proposto para a reunião, todos os participantes discutiram a questão, com alguns defendendo o abate de todas as queixadas e outros opondo-se a isso, desejando preservar os animais. Como não houve consenso entre todas as partes, foi decidido que uma segunda reunião seria agendada para daqui a um mês. Os ambientalistas foram pressionados a encontrar uma solução que atendesse a todos. Na segunda reunião, foi proposta a captura das queixadas para equilibrar outra reserva, onde existem onças em maior número e o meio ambiente está em desequilíbrio. No entanto, os representantes do agronegócio e da agricultura familiar não concordaram com essa ideia. Assim, uma outra proposta foi feita, a qual consistia no abate de 40% dos animais. Essa última proposta foi acatada e a reunião foi encerrada.

A última cena retrata um jornal da cidade relatando um alerta sobre a morte de 3 bezerros no município de Tangamandápio, com moradores afirmando terem perdido 10 bezerros na última semana. Segundo informações, uma onça está se alimentando dos bezerros e biólogos estão investigando os eventos, observando a escassez de alimento para as onças devido à diminuição dos números de porcos queixadas.

Esta história encenada pelo grupo *Teatral Gabirú* levanta uma reflexão sobre os direitos humanos. Será que, de alguma forma, os grupos envolvidos não violaram o direito à opinião do outro? Isso nos leva a refletir sobre nosso cotidiano e se estamos ou não violando os direitos dos outros. A experiência que traz essa produção oferece uma visão interdisciplinar entre três disciplinas: *Funções e suas Aplicações no Campo Agrário*, *Educação em Direitos Humanos* e *Ecologia Geral no Contexto da Educação do Campo*.

O trabalho articulado com elas nos permite explorar a matemática dentro do contexto das paisagens e mosaicos, com foco no desequilíbrio ambiental e na superpopulação. Além disso, a Educação em Direitos Humanos nos convida a refletir criticamente sobre a forma como tratamos as questões relacionadas aos direitos humanos e se estamos violando os direitos de outras pessoas. Essa abordagem interdisciplinar oportunizou aos educandos enriquecer nossa compreensão e sensibilidade em relação a esses temas, destacando a importância de uma visão crítica e sensível ao lidar com questões complexas e interconectadas¹¹

¹¹ Professora colaboradora: Prof. Dra. Beatriz F. Litoldo, beatriz.litoldo@uftm.edu.br. UFTM.



IV Semana LECampo UFTM
Educação Básica do Campo:
da escola pensada à escola vivida
20 a 23 de Setembro de 2023

Palavras-chave: Interdisciplinar. Educação do Campo. Teatro. Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

IEZZI, G.; MURAKAMI, C. Fundamentos de Matemática Elementar. volume 1, 7^a Edição. **Editora Atual, São Paulo**, 2007.

GENTILI, P. Desencanto e Utopia: A educação no labirinto dos novos tempos. 1^a edição. **Editora Vozes**, 2008.

BEGON, M.; TOWNSEND, C. R.; HARPER, J. L. Ecologia de Indivíduos a Ecossistemas. **Porto Alegre: Artmed**, 4. ed., 2007.



AGRICULTURA FAMILIAR, ECOLOGIA E OS GERAIZEIROS

Keilla Kawany Lima Nascimento
keillakawany4@gmail.com
UFTM

Fatima Kelly De Lima Nascimento
fatimakelly567@gmail.com
UFTM

Mirele Cristina de Souza Alves¹²
mirelecristina@terra.com.br
UFTM

A história da agricultura em milhares de anos reporta à necessidade de desenvolver práticas agrícolas de uso do solo, da vegetação e das águas, que conduzem às necessidades alimentares dos povos. Este processo gerou ao longo de décadas um padrão tecnológico de artificialização da relação da agricultura com a natureza. Assim chegamos à modernização agrícola capaz de gerar custos socioambientais muitas vezes irreparáveis, como o desequilíbrio dos agroecossistemas, a degradação dos solos, da vegetação natural, a poluição, o envenenamento de lençóis freáticos e a contaminação das águas para uso humano e agrícola. Para Altieri (1989), a agroecologia é uma ciência emergente que estuda os agroecossistemas integrando conhecimentos de agronomia, ecologia, economia e sociologia. Para Guzmán (2002), a agroecologia não pode ser uma ciência, pois incorpora o conhecimento tradicional que por definição não é científico.

É importante destacar a diversidade e importância da agricultura familiar no manejo da agro biodiversidade e da agroecologia como caminho natural para uma agricultura sustentável, reduzindo assim os impactos por meio de várias práticas em um agro ecossistema propício a homeostase uma relação entre diversidade natural, populações de insetos e reduções no uso de insumos externos. A agricultura familiar é a principal responsável pela produção de alimentos para o consumo da população brasileira. Além disso, o agricultor familiar tem uma relação especial com a terra, seu local de trabalho e sua casa, conseguindo fazer uma diversidade da produção que ambientaliza uma característica distintiva do setor, pois muitas vezes combina a produção de subsistência com a produção voltada para o mercado.

O ponto inicial para o plantio de uma horta é o preparo do solo onde as sementes e mudas serão plantadas, em comunidades tradicionais, esse local é preparado com adubos naturais, e na maioria das vezes os agricultores fazem canteiros e cercas para impedir a entrada de galinhas na

¹² Professor colaborador: Prof. Dr. José Henrique S. Néspoli, jose.nespoli@uftm.edu.br, Lecampo/UFTM.



horta, que geralmente está localizada no meio de outras plantações, onde há plantas maiores ao redor dela e muitas das vezes as cercas são feitas de bambu em pé ou de tela com sombrite e contribuem para a proliferação de espécies, conservação do planalto e dos animais e, sobretudo, estão na linha de frente do combate às corporações capitalistas que exploram e destroem a biodiversidade local.

Para plantar, os geraizeiros utilizam de alguns conhecimentos tradicionais como medidas não convencionais e as fases da lua pois eles acreditam na influência dela sobre a terra. E toda planta de raiz a gente costuma plantar na lua nova, agora toda planta que é fruto na galha, abóbora, melancia, essas outras frutas a gente planta na cheia porque elas vão dar frutas saudáveis, grandes e bastante. Práticas tradicionais geraizeiras que fazem parte de um modelo de agricultura familiar mais sustentável e em equilíbrio com a natureza.

Palavras-chave: Geraizeiros. Conhecimentos Tradicionais. Agricultura

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. A. Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa. 2. ed. Rio de Janeiro: PTA- FASE, 1989. 240 p.
- GUZMÁN, E. S. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável. Palestra apresentada no Curso Intensivo em Agroecologia: Princípios e Técnicas Ecológicas Aplicadas à Agricultura, 11., Seropédica, 2002. Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2002.



MOVIMENTO SOCIAL E FORMAÇÃO HUMANA: UMA REFLEXÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO NO MST

Maria do Horto Rodrigues Maranhão¹³
d202020822@uftm.edu.br
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

A minha vivência com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) começou quando tinha 12 anos de idade, vinha da escola quando de repente surge uma multidão de pessoas marchando sobre as ruas de Marabá (PA), crianças jovens, adultos, idosos e eles usavam foice, facão, enxada, machado, eles eram muito simples e fiquei encantada com aqueles povos, e logo fui me enturmando e perguntei a eles se eram ciganos, e logo me responderam: não! Somos sem-terra do MST, perguntei o que isso significava e eles responderam que é uma forma de lutar pela terra para plantar o arroz, feijão, milho...

E também falaram da importância da reforma agrária e das resistências encontradas, naquele mesmo momento despertou no meu ser de fazer parte daquele povo, daquele dia em diante comecei fazer parte do movimento do MST, costumo dizer que o MST me criou. Daí pra cá me tornei uma outra pessoa com uma nova formação de conhecimento, participei de várias ocupações com reintegrações de posse, também vitória de posse da conquista pela terra, além disso tive presente no massacre de Eldorados dos Carajás. Conheço várias regiões brasileiras e algumas fora do país como Suriname, Guiana, Paraguai, também já fiz parte de vários setores do movimento como educação e ciranda, infra, formação, segurança, juventude, saúde e gênero...

Depois que vim para Ribeirão Preto/SP não tive forças para voltar e permanecer na minha terra natal e aqui fiquei, alguns meses se passaram, praticamente uns seis meses, quando conheci o acampamento Mário Lago na fazenda da Barra. Ali no Mário Lago, permaneci uns quatro anos e meio, passamos sufoco, tinha capangas armados, a guarda era intensa, e nós com cana na mão, enxada, foice e facão. Participei da posse da fazenda da Barra, foi muito choro, gritos de alegria, felicidade, pessoas que desmaiavam, nós cantávamos, dançávamos, fazíamos mística em frente ao fórum. Quando chegamos na fazenda, fomos recebidos pelos companheiros e companheiras, jovens crianças com místicas, cantorias e danças, e o almoço já estava pronto, carne à vontade, mataram três bois, teve noite cultural com danças e comentários, não se falava de outra coisa a não ser da vitória, desse dia em diante só se via alegria e felicidade no rosto dos companheiros e companheiras. Ao passar alguns dias o Incra passou por lá e fez uma reunião com as pessoas e disseram para nós esperarmos três meses que eles iam cortar a terra e entregar para o povo.

¹³ Professor colaborador: Prof. Dr. José Henrique S. Néspoli, jose.nespoli@uftm.edu.br, Lecampo/UFTM



No movimento do MST aprendi ser quem eu sou a ser essa mulher forte e guerreira de saber lutar por aquilo que quero, não é só eu que penso dessa forma, MST é uma sigla que encoraja as mulheres que lutam por mudança melhor nas suas vidas e de se libertar de várias formas de opressão, por isso as mulheres estão sempre presentes nos acampamentos e assentamentos, para que assim possamos participar de lutas pela terra, pela reforma agrária e pela transformação social.

No movimento do MST, aprendi que agroecologia não é só proteger o meio ambiente, MST tem seus princípios de ética morais com a agroecologia, que nos dá uma formação de saberes, de educação, culturas, formação política, trabalho social e proteção a família, formação de gênero que luta pela igualdade soberania popular.

Agroecologia e a reforma agrária compreendem um conjunto de sujeitos do campo e da cidade que se interagem e na produtividade de alimentos sustentável, que alimenta milhares de pessoas ricas e pobres.

Este é o meu legado com MST de conhecimento e resiliência são saberes de vivência de longas datas que me tornou quem eu sou hoje, esse movimento me deu força contra o meu medo, no movimento me tornei uma mulher forte e guerreira, foi só no movimento que consegui concluir o Ensino Médio e hoje estou cursando a Universidade Federal do Triângulo Mineiro, na licenciatura em Educação do Campo. Agroecologia e MST é o futuro do Brasil. Obrigada a todos do movimento do MST.

Palavras-chave: MST; participação social; memória; formação humana; Educação do Campo.

REFERÊNCIAS

KATO, D. S.; ALMEIDA, R. *Vozes do Campo: autobiografias, sujeitos e identidades*. Marília: Lutas Anticapital, 2023.



INFÂNCIA, TRABALHO E EDUCAÇÃO NO CAMPO

Adeliça Vieira Pereira Lima¹⁴
adelicavieirapereiralima@gmail.com
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Diante da realidade econômica e social vigente no campo, marcado pelo domínio do latifúndio, por gritantes desigualdades e situações de vulnerabilidade extrema, com frequência os direitos das crianças campo são negados e violados (CALDART [et.al.], 2012).

Nasci no ano de 1978, no município de Jaíba/MG. Desde que tenho lembranças, sempre sofri represálias em relação a expectativa de vida que eu tinha. Muitas vezes, elas se davam no próprio ambiente familiar, principalmente pelo meu pai, que com palavras rudes, certamente apreendidas com a dura realidade por ele vivida, destruía cada sonho que eu expressava, onde a frase que ele mais tinha o costume de dizer era: "filho de pobre não estuda e não forma, sabendo escrever o próprio nome já está de bom tamanho, ler e escrever é luxo de gente rica".

Quando pequena não pude brincar e me divertir como as outras crianças, já que logo cedo fui ensinada a como fazer os trabalhos domésticos e a cuidados no campo. Aos 11 anos, junto com meus pais, já trabalhava em uma carvoaria, sofrendo pressão da parte familiar e também dos empregadores, que constantemente cobravam resultados no trabalho. Fui privada por meus pais de estudar, pois precisava colaborar com o sustento da grande família que tínhamos, iniciando os estudos apenas aos 12 anos. Tudo era difícil para mim, andava dois quilômetros em uma estrada com muita areia e um forte sol escaldante para poder ir para a escola, reprovei várias vezes, era muito criticada por meus colegas, por ser muito grande para estar com os menores na sala e estar atrasada nos estudos, além do que, naquela época, a escola não tinha qualquer tipo de sensibilidade ou preocupação com o que hoje chamamos de uma Educação do Campo. Por diversas vezes sofri algumas represálias dos professores, inclusive insultos, como burra, anta e outros meios de ridicularização, em alguns casos até mesmo me ignoravam quando eu tinha algo para dizer ou até mesmo dúvidas sobre o conteúdo que estava sendo passado.

Ao lembrar das várias vezes que tive que ir para as aulas sem materiais, dependendo da doação de alguns colegas de classe com lápis ou tendo que pegar restos de outros materiais de estudo no lixo, me sentia enormemente angustiada, já que esse era o único meio de conseguir estudar e trabalhar nas lavouras de algodão, milho e feijão para ajudar nas despesas em casa sem nenhum apoio. Com toda as vivências por mim presenciadas pude perceber que trabalho em carvoaria e lavouras é uma exploração de trabalho do menor. Por isso, é fundamental que cada

¹⁴ Professor colaborador: Prof. Dr. José Henrique S. Néspoli, jose.nespoli@uftm.edu.br, Lecampo/UFTM



indivíduo possa ter garantido o direito de ir, vir e viver sem nenhum constrangimento físico e emocional.

Essa rotina se seguiu até os meus 15 anos, quando me casei e com apoio do meu esposo pude prosseguir e me dedicar ainda mais com meus estudos, sendo assim consegui me formar no ensino fundamental aos 26 anos. Com o nascimento dos meus filhos as coisas ficaram ainda mais difíceis principalmente para arrumar trabalho e conciliar a família e com meus estudos, sendo que em várias ocasiões levei-os para ver a aula junto comigo, pois não tinha com quem deixá-los.

Mesmo com todas essas dificuldades durante minha trajetória de vida, meus estudos e meus filhos foram sempre a alavanca que me dava forças para continuar. Apesar das inúmeras dificuldades e obstáculos que se opunham ao meu lento progresso pessoal e em meu casamento, nunca guardei nenhum rancor. Na verdade, as represálias e dificuldades que enfrentei foram como um combustível para realizar meu sonho de ser professora e ensinar crianças no campo que passam pela mesma situação que eu e outras pessoas.

Tendo este objetivo em vista, em 2011 iniciei o curso de magistério e conclui em 2013, com toda essa experiência decidi ingressar no curso de Pedagogia, formando-me no ano de 2017. Porém ainda não estava satisfeita e resolvi me aprofundar mais e continuar estudando. Ingressei no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Uberaba-MG), a partir de onde pude ter uma outra compreensão da minha infância e do papel da Educação do Campo na construção dos Direitos Humanos.

Palavras-chave: Infância. Trabalho. Educação. Memória. Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

CALDART, [et.al.]. *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.



A FOLIA DE REIS DA COMUNIDADE CANABRAVA EM BONFINÓPOLIS DE MINAS

Daniel Idelfonso da Conceição
danielidelfonso13@gmail.com
UFTM

O presente texto é resultado de um trabalho de Tempo Comunidade da disciplina de Arte e Cultura Popular, do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, e que hoje tornou-se meu tema de trabalho de conclusão de curso: a Folia de Reis da comunidade Cana Brava em Bonfinópolis de Minas, na região Noroeste do estado de Minas Gerais.

A Folia de Reis é uma festa popular religiosa que por meio da fé tem o objetivo de unir pessoas para que possam comemorar a caminhada dos Três Reis Magos: Gaspar, Melchior (ou Belchior) e Baltazar que foram ao encontro do menino Jesus logo após o seu nascimento. Essa prática é realizada, geralmente, do dia 24 de dezembro a 6 de janeiro que pelo costume antigo é feito o giro nesse período (12 dias), pelo fato de ser a véspera do nascimento e se encerra no dia de Reis. Diz a história que os Reis viram uma estrela brilhante no céu de Belém e decidiram seguir para encontrar o menino Jesus, levando presentes para o menino.

Segundo Brandão (1977, p. 4), a folia é “um grupo precatório de cantores e de instrumentistas, seguidos de acompanhantes, e viajores rituais, entre casas de moradores rurais”. O propósito da Folia de Reis é cumprir o desejo de muitas pessoas em pagar uma promessa, que muitas vezes é em função da saúde de um familiar que necessita de bênçãos para melhoras, para a benção da família ou por iniciativa de algum membro da comunidade que tenha o desejo de realizar essa tradição.

Na minha comunidade, Canabrava em Bonfinópolis de Minas (MG), existe o grupo Estrela Guia, criado em 1986, que tem sua roupa na cor vermelha, cada grupo possui a sua coloração para se apresentarem (Figura 1). No município existem em média 4 grupos de foliões que abrangem diferentes localidades, algumas vezes dependendo da promessa o grupo pode passar em outras comunidades para cumprir o que foi pedido ao santo.



IV Semana LECampo UFTM
Educação Básica do Campo:
da escola pensada à escola vivida
20 a 23 de Setembro de 2023

Figura 1 – Grupo Estrela Guia



Fonte: <http://diariodebonfinopolis.com.br/religiao/temporada-de-folia-de-reis-marca-o-inicio-do-ano-em-bonfinopolis-de-minas/>

Neste contexto é muito importante fazer pesquisas sobre uma festa religiosa ainda tão presente no contexto de comunidades do campo. Por trazer tanta importância para as pessoas que compõem os grupos ou que participam como espectadores, deve se ter uma atenção importante para essa cultura, buscando trazer por meio desse trabalho conhecimento para as pessoas sobre essa tradição e o entendimento do que se constitui essa festa. Pela falta de participação de jovens na composição dos grupos, se tem receio de que haja daqui uns anos a falta de foliões para que continuem essa tradição.

Conclui-se que por meio de pesquisas e conversas com participantes, tenha-se o desenvolvimento de um trabalho que possa ser exposto em bibliotecas ou sites, para que cada um tenha acesso a um artigo que trata da cultura que está no nosso cotidiano e muita das vezes passa despercebido por muitos. A folia é muito mais do que simples entretenimento; é uma força vital que desempenha um papel significativo na preservação da cultura, na promoção da identidade, na coesão social, na expressão artística e na celebração da vida no e do campo¹⁵.

Palavras-chave: Folias de Reis; festas religiosas; comunidade do campo; Educação do Campo.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C.R. **A folia de Reis de Mossâmedes**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, Fundação Nacional de Arte-Funarte, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

¹⁵ Professor Colaborador: Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Crepalde, rodrigo.crepalde@uftm.edu.br. UFTM.



AS NOITES CULTURAIS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE NATALÂNDIA

Suely de Lourdes Cunha
suely123uftm@gmail.com
Universidade Federal Do Triângulo Mineiro

As Escolas Famílias Agrícolas (EFA's) são consideradas diferentes diante das escolas regulares que também oferecem a Educação Básica, pois são embasadas na metodologia da Pedagogia da Alternância, o que possibilita atender os sujeitos do campo integrando o saber escolar com a prática cotidiana, junto à sua família e sua comunidade. Uma dessas práticas adotadas pelas EFA's, em especial a Escola Família Agrícola de Natalândia (EFAN), localizada na região Noroeste do estado de Minas Gerais, são as noites culturais. A proposta é que os alunos façam uma pesquisa mediada por um questionário com a família, pais, avós e a comunidade. Tendo as informações em mãos, eles traduzem as informações obtidas em apresentações orais, danças, musicais e/ou teatrais na EFA.

Na EFAN cada turma é responsável por um tema a cada bimestre ou trimestre. Os temas são variados tais como “História das famílias, valores e gerações passadas”, “Violência contra a mulher”, “Discussões e preconceitos de gênero”, entre outros. Essa ação pedagógica assume que os alunos sejam seus protagonistas com liberdade para sua auto-organização, ou seja, toda a organização é feita por eles, desde decoração, cerimônia de abertura, apresentação do que cada turma irá apresentar, cardápio do jantar, mas sempre tendo um monitor para auxiliá-los. O propósito é que se auto-organizem para instigá-los a terem autonomia, aprendam a trabalhar em grupos respeitando outras ideias e opiniões. Essas noites culturais ocorrem uma vez por semana com apresentações em forma de peça teatral, mística, poesia, dança e seminário.

As noites culturais (Figura 1) são momentos de compartilhamento dos saberes e das tradições das diferentes comunidades dos alunos atendidos pela EFAN. É um dos momentos mais esperados pelos alunos, pois todos querem mostrar para seus colegas o que sua comunidade possui de práticas ou manifestações da arte e/ou cultura popular.



IV Semana LECampo UFTM
Educação Básica do Campo:
da escola pensada à escola vivida
20 a 23 de Setembro de 2023

Figura 1 – Noite cultural na EFAN



Fonte: Instagram institucional da EFAN (<https://www.instagram.com/p/CsUwSv9Li5c/>).

A noite cultural é também momento em que os professores os instigam a refletir sobre temas relevantes com vida no campo, como a situação das mulheres, através de encenações, questões de gênero e outras formas de arte com o objetivo de valorizar a formação com o meio rural, fortalecer os vínculos familiares e comunitários dos estudantes, valorizando as especificidades e a cultura do povo camponês, evitando que os estudantes saiam do campo para estudar em outras regiões que não os valorizem, assim eles conseguem desenvolver o pensamento crítico e a participação cidadã dos estudantes articulada à escola com o território e as organizações sociais que os representam.



IDENTIDADES DO CAMPO E CURRÍCULO: UMA PROPOSTA DE PESQUISA SOBRE AS METODOLOGIAS DE ENSINO DAS EFAs

Ricardo Almeida
ricardo.almeida@uftm.edu.br
Universidade Federal do Triângulo Mineiro¹⁶

INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais do campo têm como base fundamental a reivindicação por políticas públicas de educação, cuja proposta contempla a defesa das identidades camponesas, o fortalecimento dos territórios e os modos de vida no campo. Trata-se, portanto, de um projeto de educação que dialoga com a afirmação dos direitos sociais dos povos do campo. Discutir a Educação do Campo, deste ponto de vista, requer minimamente uma revisão de suas políticas curriculares e de seus processos formativos, uma vez que o campo é um pólo dinâmico e de tensões na nossa sociedade e, por isso, deve ser compreendido em sua essência (ARROYO, 2007).

Nesse sentido, as ferramentas pedagógicas constituem-se de objetos de pesquisa relevantes, mostrando-se como elemento significativo para compreender a relação da escola com a diversidade cultural e a relação dos povos do campo com os territórios.

As Escolas Família Agrícola (EFAs) são escolas do campo de base associativa, instituídas por famílias, comunidades e movimentos sociais do campo. Essas escolas fazem uso de metodologias de ensino próprias que se alinham ao regime de Pedagogia da Alternância para viabilizar um atendimento adequado ao sujeito do campo, integrando aprendizagem escolar com o cotidiano dos estudantes junto à sua família e à sua comunidade (AMEFA, 2023).

Com base nessas premissas, este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de pesquisa sobre as metodologias de ensino utilizadas nas EFAs do estado de Minas Gerais. O propósito do estudo consiste em analisar em que medida as metodologias de ensino utilizadas nas EFAs estão alinhadas com uma proposta de Educação do Campo, no sentido de contribuir para o fortalecimento das comunidades rurais, suas lutas e identidades.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, de caráter exploratório, com procedimentos técnicos de uma pesquisa documental, abrangendo dispositivos legais que dão suporte ao funcionamento das EFAs, a exemplo do Regimento Interno e do Projeto Político Pedagógico. Para ampliar a coleta de dados, pretende-se realizar um estudo de campo por meio de entrevistas com

¹⁶ Professor(a) colaborador(a): Prof. Dr. José Henrique Singolano Néspoli, jose.nespoli@uftm.edu.br, UFTM.



professores, pedagogos, inspetores e diretores das EFAs, haja vista que são agentes envolvidos diretamente com as práticas pedagógicas dessas escolas.

CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO

Entre as principais contribuições do estudo proposto, tem-se que ao abordar as metodologias de ensino das escolas do campo abre-se um importante espaço de diálogo dessas ações concretas com o processo formativo de professores da Educação do Campo.

CONSIDERAÇÕES

A Educação do Campo é um marco histórico das lutas sociais e, como tal, é algo que merece um olhar atento da sociedade. A produção científica é um dos meios para que esse debate ganhe força. É, pois, a partir desse pensamento que a proposta de pesquisa se insere como uma oportunidade de aproximação da academia com a práxis das escolas do campo, neste caso protagonizada pelas EFAs.

Palavras-chave: Educação do campo. Escola Família Agrícola. Metodologias de Ensino. Diversidade cultural. Formação docente.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. Currículo, território em disputa. 5. ed. Petrópolis. R.J. Vozes, 2013.

AMEFA. Nossa organicidade institucional. Disponível em: <https://amefa.wordpress.com/>. Acesso em: 06 set. 2023.



EDUCAÇÃO DO CAMPO E A FORMAÇÃO POR ALTERNÂNCIA

Edmundo Barbosa Nepomuceno¹⁷
edinepomuceno@77gmail.com
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

INTRODUÇÃO

A formação por alternância é uma metodologia de ensino inovadora: a estratégia de organização escolar em diferentes tempos e espaços educativos, dinamizando o ensino e aprendizagem no tempo escola e tempo comunidade. Que visa o desenvolvimento integral dos educandos. Essa abordagem permite que o estudante alterne entre períodos de aprendizagem em uma instituição educacional e períodos de aprendizagem prática em um ambiente profissional (BEGNAMI, 2023).

Sua justificativa reside em atender a demanda por métodos educacionais mais conectados com a realidade do campo e dos povos tradicionais, favorecendo a aquisição de competências práticas ao mesmo tempo em que a teoria é aprendida. A formação por alternância proporciona uma maior compreensão do conteúdo por parte do aluno, uma vez que este é continuamente convidado a aplicar o conhecimento teórico adquirido em situações reais.

O objetivo desse modelo é, portanto, oferecer uma formação mais completa, na qual os estudantes são capazes de efetivamente incorporar e aplicar o conhecimento que adquirem. Ele visa proporcionar uma melhor preparação para o mundo do trabalho, além de estimular o pensamento crítico e a resolução de problemas baseados na vida real.

METODOLOGIA DA ALTERNÂNCIA

A formação por alternância é uma metodologia pedagógica distinta que combina aprendizado em sala de aula com experiência prática no campo profissional. Os estudantes intercalam períodos de aprendizado teórico em ambientes educacionais com etapas práticas em locais de trabalho. Este modelo de ensino busca trazer uma abordagem dinâmica e aplicada ao processo de aprendizado. E para que este processo de conhecimento venha ocorrer, a metodologia da alternância fundamenta-se em um conjunto de instrumentos pedagógicos, dentre eles estão o Plano de estudo, Caderno da realidade, visitas de estudos, visita às famílias, o Caderno de acompanhamento, o Projeto Profissional do Jovem (PPJ), Serão, Intervenção externa e interna,

¹⁷ Professor colaborador: Prof. Dr. José Henrique S. Nespoli, email: jose.nespoli@uftm.edu.br, LECampo/ UFTM



visita de estudo, e demais mediações que contribuem para a execução da Pedagogia da Alternância (PA).

Este método nasceu na França no início do século XX, como uma maneira de lidar com os desafios enfrentados pela educação rural (CHAVES, 2006) e chegou ao Brasil na década de 1960. A ideia era proporcionar aos alunos a oportunidade de aprender uma profissão enquanto continuavam seus estudos. Desde então, esta abordagem experimentou uma expansão significativa, especialmente no âmbito da educação profissionalizante.

CONSIDERAÇÕES

A formação por alternância é defendida por sua capacidade de oferecer uma formação integral, complementando a teoria com o manuseio da prática efetiva (CHAVES, 2006). A justificativa para essa abordagem é a formação de indivíduos capazes de agir com competência no mundo do trabalho, podendo aplicar o conhecimento adquirido em diferentes contextos, constituindo-se deste modo em sujeitos de transformação e de desenvolvimento de seu território e de sua comunidade. Portanto, percebe-se que a formação por alternância além de formar jovens críticos, formam também para a permanência do meio onde vive, fortalecendo assim campo.

Palavras-chaves: Luta. Educação. Sociedade. Estudantes.

REFERÊNCIAS

CHAVES, M. Formação por alternância: contributo para a transformação da escola com base na relação entre teoria e prática. *Educação, Sociedade & Culturas*, v. 26, p.117-132, 2006.

BEGNAMI, J. B. *Formação por alternância na educação do campo*. 2,ª edição. Editora Lutas Anticapital: Marília/SP, 2023.



A IMPORTÂNCIA DO AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE TRANSMISSÃO DE SABERES E FORMAÇÃO DE SUJEITOS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Ademilton Viturino de Jesus¹⁸
d202020933@uftm.edu.br
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

A Educação do Campo é constituída por práticas inovadoras que se adaptam às particularidades das comunidades rurais. A Pedagogia da Alternância é um dos pilares desse modelo educacional. A Pedagogia da Alternância é uma abordagem que combina períodos de estudos na escola com momentos de vivência nas comunidades rurais. Esse modelo permite aos estudantes conectarem o conhecimento acadêmico com a prática real, valorizando os saberes tradicionais e incentivando o respeito à cultura local. Através dessa interação contínua entre a escola e a comunidade, os estudantes são capacitados a compreender os desafios e as necessidades da vida no campo.

Dentro desta perspectiva, a Educação do Campo tem incorporado o trabalho e a prática educativa da produção audiovisual como formas de transmitir e preservar saberes locais. Este trabalho analisa a importância das produções audiovisuais, e destaca a importância crucial do audiovisual como ferramenta de transmissão de conhecimento, de memória e formação de sujeitos críticos.

Uma das características da pedagogia da Educação do Campo é que ela procura estimular o desenvolvimento de ações práticas nos territórios, como uma extensão dos processos de aprendizagem. Esta *práxis* educativa envolve a ação direta dos estudantes na promoção de mudanças positivas em suas comunidades. Essa abordagem empodera os jovens a se tornarem defensores ativos de suas culturas e direitos, mobilizando-se de forma ativista em prol de uma Educação do Campo mais justa e inclusiva.

Como assinala Caldart (2011), o movimento de Educação do Campo tem buscado desenvolver práticas educativas que contribuam para ruptura com os modelos de ciência e produção de conhecimento que serviram de base para estruturar o modo de produção capitalista na agricultura.

A produção audiovisual se destaca como uma ferramenta poderosa na transmissão de saberes nas comunidades rurais e também como metodologia de ensino em meio a *práxis* docente. Por meio de vídeos, documentários, entrevistas e outras formas de conteúdo audiovisual, é possível

¹⁸ Professor colaborador: Prof. Dr. José Henrique S. Néspoli, jose.nespoli@uftm.edu.br, Lecampo/UFTM.



capturar, produzir e preservar histórias, tradições e conhecimentos específicos de cada localidade. Essa abordagem não apenas resgata a memória coletiva, mas também proporciona uma plataforma para os estudantes se expressarem e compartilharem suas perspectivas. A produção audiovisual permite que os estudantes celebrem a cultura e as tradições de suas comunidades, fortalecendo a identidade local. E aos educadores do campo uma ferramenta poderosa de inserção às comunidades como forma de engajamento coletivo e de fortalecimento dos sujeitos, ou seja, como ferramenta de conscientização e emancipação (FREIRE, 1967).

Os recursos audiovisuais têm a capacidade de alcançar um público mais amplo, contribuindo para a conscientização e a sensibilização sobre as realidades das comunidades rurais. O trabalho educativo com o audiovisual inspira outros estudantes a se envolverem na promoção da Educação do Campo e a se tornarem agentes de mudança em suas próprias comunidades.

A produção de audiovisuais na Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, por meio do projeto de extensão Memórias Pedagógicas, tem contribuído não só para registrar e divulgar a experiência de educação do campo que vem sendo desenvolvida na LECampo/UFTM, mas também para fortalecer a identidade de educadores e educadoras da Educação do Campo. Os vídeos abordam as atividades educativas desenvolvidas durante o Tempo Escola, em Uberaba, como vivências, rodas de conversas, oficinas, místicas, atividades de campo, entre outros, e ficam disponíveis no canal do Youtube Escola de Formação Itinerante (projeto que conta com financiamento da FAPEMIG¹⁹).

Palavras-chave: Produção Audiovisual. Protagonismo Estudantil. Educação do Campo.

REFERÊNCIAS

CALDART, R. S. *Por uma educação do campo*. 5 ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 23.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

¹⁹ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).



PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANCs): LEVANTAMENTO E RESGATE CULTURAL SOB O OLHAR DE PESSOAS DO CAMPO

Sandra dos Santos Silva²⁰
sandrasantos.educ@hotmail.com
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

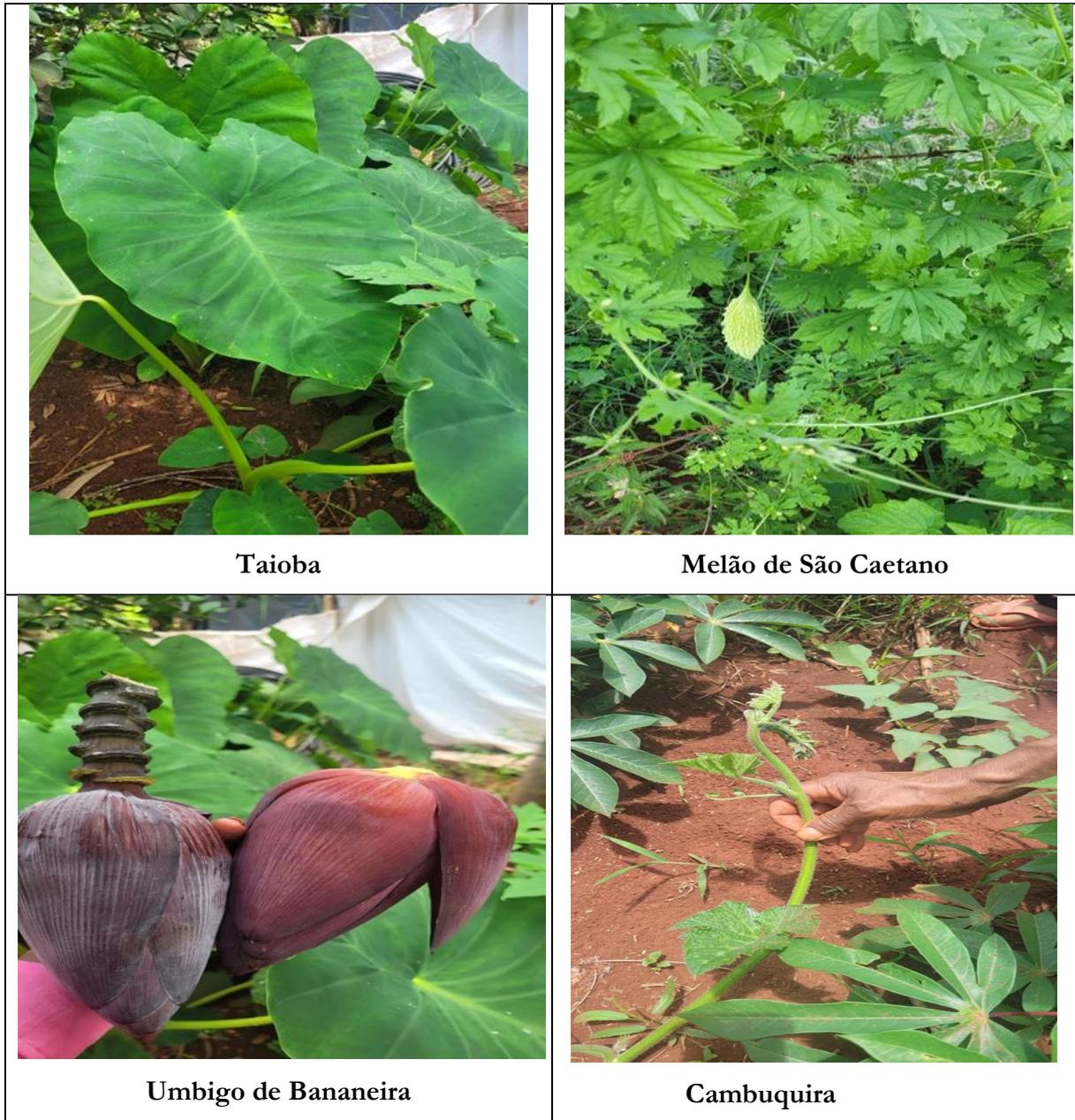
Este trabalho trata de um levantamento das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), encontradas na comunidade de Rufinópolis (Capão da Onça), situada na região do Triângulo Mineiro e a 14 km de Veríssimo/MG. O objetivo principal deste trabalho é identificar quais PANCs os moradores cultivam e como consomem. A base teórica dessa pesquisa inclui fundamentação sobre plantas não convencionais, e os dados foram analisados por meio de diálogo com os autores. A pesquisa tem cunho qualitativo, e adotamos as técnicas de entrevista e registros fotográficos para construção do material. A entrevista permite uma maior proximidade entre pesquisador e entrevistado, possibilitando melhor compressão do que se cultiva na comunidade de estudo, e as fotografias ilustram as PANCs encontradas. Como resultados, observamos que ainda se mantém viva a cultura e a preservação de algumas espécies de PANCs pelos moradores da comunidade, e que adotam estes hábitos alimentares pelo fato de apreciarem estes alimentos, permitindo que não entrem em extinção, inclusive cultural. Desta forma os moradores mantêm sua soberania alimentar, contribuindo com o meio ambiente e mantendo um resgate cultural.

Palavras-chave: PANCs. Resgate Cultural. Pessoas do Campo. Comunidade.

²⁰ Professor colaborador: Prof. Dr. Daniel Fernando Bovolenta Ovigli e-mail: daniel.ovigli@uftm.edu.br, UFTM



Figura 1: Plantas alimentícias não convencionais (PANCs) da Região de Rufinópolis



Fonte: autora (2023)



A DIVERSIDADE CULTURAL NA AGENDA LECAMPO: A PRODUÇÃO DE UM LIVRO DE AUTOBIOGRAFIAS

Ricardo Almeida
ricardo.almeida@uftm.edu.br
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

INTRODUÇÃO

A formação de professores é parte relevante das políticas públicas voltadas para a educação. De acordo com o projeto pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo da UFTM (LECampo-UFTM), é de fundamental importância promover a articulação dos conhecimentos difundidos pela universidade aos saberes populares e às experiências de luta das populações do campo, sobretudo aqueles que preconizam o reconhecimento de direitos (UFTM, 2023).

Na Educação do Campo, as abordagens de ensino têm se mostrado bastante significativas, contribuindo para aprimorar a conexão entre professor e estudante. Nesse sentido, a diversidade cultural ganha espaço na agenda das licenciaturas, oportunizando novos debates e práticas pedagógicas, entre elas o uso do gênero literário das narrativas autobiográficas.

Com base nisso, este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência acadêmica que culminou na publicação de um livro com uma coletânea de autobiografias dos estudantes da LECampo-UFTM.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência com autobiografias surge em 2021, a partir das práticas de ensino em sala de aula, ao promoverem conexões importantes entre discentes e suas histórias de vida. Na ocasião, os licenciandos foram orientados a produzirem um texto, relatando sua própria história de vida até o momento de ingresso na LECampo-UFTM.

As histórias foram compartilhadas durante duas aulas da disciplina Seminário Integrador I. Concluídas as apresentações, os participantes avaliaram que a autobiografia firmava-se como uma ferramenta importante na prática docente. Foi quando surgiu a ideia de reunir as histórias para produção de um livro.

No decorrer de 12 meses, as histórias foram revisadas e complementadas ganhando mais vida. Após as revisões, buscou-se uma editora para publicação. O livro recebeu o título de “Vozes do Campo: autobiografias, sujeitos e identidades” e foi composto de 18 narrativas. Em 4 de abril de 2023 foi realizado o evento de lançamento, com participação especial do autor e professor Miguel Arroyo.



CONTRIBUIÇÕES DA EXPERIÊNCIA

A construção da obra com autobiografias contribuiu para despertar a importância do autoconhecimento no processo formativo de professores, uma vez que materializa as aprendizagens sobre identidades e territorialidade, além de ser um instrumento que ajuda a combater narrativas outras que tentam perpetuar um *projeto de deseducar*, como assevera Ribeiro (2015).

CONCLUSÕES

Conclui-se, portanto, que os processos de formação em Educação do Campo devem investir no uso de metodologias de ensino e aprendizagem que sejam capazes de estimular os educandos a desenvolverem o autoconhecimento e, a partir disso, respeitar e valorizar a identidade do outro, em especial as identidades do campo como base fundamental para um educador que pretende atuar nas escolas do campo.

Palavras-chave: Educação do Campo. Autobiografias. Territórios. Diversidade cultural. Identidades.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Uberaba(MG), 2014 (atualizado em janeiro de 2023). Disponível em: <http://www.uftm.edu.br/licenciatura-em-educacao-do-campo>. Acesso em: 05 set. 2023.



BIONARRATIVAS SOCIAIS – BIONAS: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS QUE MEMÓRIAS O NORTE MINEIRO TEM A CONTAR?

Eusiane de Jesus Ferreira Paraizo²¹
eusiannyferreira88@gmail.com
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Este resumo apresenta os resultados e conclusões de uma pesquisa de iniciação científica cujo objetivo foi analisar os referenciais teóricos metodológicos sobre narrativas autobiográficas como fonte de compreensão da construção identitária dos indivíduos das comunidades Traz do Mato, Buriti do Meio, comunidade Ribeirinha Vaqueta e a Escola Família Agrícola Tabocal, que vai mostrar e contar a história da autora e dos sujeitos envolvidos no contexto do campo. Foram estudadas e analisadas diversas obras autobiográficas de diferentes autores, buscando identificar padrões e elementos comuns nas narrativas, bem como compreender as influências socioculturais na forma como os indivíduos se veem e se apresentam em suas histórias de vida nas comunidades citadas.

Ao longo dos anos debates acerca dos povos do campo tem crescido, e em consequência disso, a Educação do Campo têm ganhado força crescido com as novas perspectivas no que diz respeito à valorização das suas culturas, saberes, processos educativos e a forma que veem nas políticas públicas há possibilidade de viver bem e ser reconhecido mediante a sua própria história, sua própria narrativa.

Dito isso, as pesquisas narrativas têm apresentado grandes contribuições para essa finalidade. Nessas pesquisas, os sujeitos ali inseridos começam a tomar centralidade, por meio das vozes que fazem parte do processo educativo, sobretudo, na Educação do Campo, essas narrativas tornam-se essenciais não só no âmbito individual, mas também no coletivo e podem servir como margem para pensar nos processos de transformações e na elaboração de projetos que possam contribuir com um (auto)conhecimento – individual e coletivo. Nesta pesquisa, apresento os resultados que parte da minha jornada como professora da Escola Família Agrícola (EFA) do Norte de Minas, que utilizo como percurso metodológico as narrativas autobiográficas. (PARAIZO, 2023, p. 117).

Essa é uma pesquisa realizada através da Iniciação Científica que teve como propósito comparar a minha narrativa autobiográfica como uma forma de expressão e reflexão da minha própria vida com as histórias dos sujeitos que estão inseridos nas comunidades pesquisadas, sendo

²¹ Professor colaborador: Prof. Dr. Danilo Kato, danilo.kato@uftm.edu.br, Lecampo/UFTM



essas a Escola Família Agrícola Tabocal, Comunidade Ribeirinha Vaqueta, quilombo Traz do mato e Buriti do meio, todas essas se encontram na EFA. Ao longo das histórias, seres humanos têm utilizado a narrativa para contar suas experiências, memórias e identidades, o que permite compreender como essas histórias moldam nossa percepção de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. As bases para construir as reflexões acerca das histórias e memórias de todos os sujeitos envolvidos na produção dessa pesquisa, foi construído através de entrevistas nos territórios, registros fotográficos e leituras de artigos sobre autobiografias narrativas, foram realizadas várias reuniões de orientações com Danilo Kato, participações no grupo de pesquisa GEPIC, referenciais bibliográficos da Lelia Gonzales, participação em seminários, discussões sobre pesquisa narrativas autobiográficas.

Por isso o título da pesquisa é “Autobiografia narrativa: que história o norte mineiro tem a contar?”, pois é aqui nessa região de Minas que está localizada as comunidades e escola onde as histórias de vida se cruzam com a minha autobiografia. Essa pesquisa em autobiografias e narrativas é uma jornada fascinante que nos permite adentrar nas vidas dos povos camponeses e de suas comunidades que foram escolhidos como fonte de pesquisa.

Ao mergulhar nas histórias da vida, somos levados a explorar não apenas os eventos e circunstâncias que moldaram os indivíduos, mas também os das emoções, semelhanças e pensamentos que tecem a tapeçaria das nossas vidas. A iniciação científica nesse campo me deu uma oportunidade única para desvendar as narrativas pessoais, compreendendo não apenas os momentos de triunfo e desafio, mas também os contextos culturais, sociais e psicológicos. (KILOMBA, 2019).

Palavras-chave: Autobiografia. Ancestralidade. Educação. Alternância.

REFERÊNCIAS

KATO, D.S.; ALMEIDA, R. *Vozes do Campo: autobiografias, sujeitos e identidades*. Marília: Lutas Anticapital, 2023.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. Episódio de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, p 28-34, 53-54. 2019.



TRAJETÓRIAS FORMATIVAS DE MULHERES DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UFTM

Thais de Souza Costa
thaiscosta-@live.com
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

As discussões referentes às questões de gênero e feminismos vêm ganhando destaque nas universidades por meio do protagonismo de pesquisadoras e militantes feministas, que desde o final dos anos 1960, vem construindo uma extensa produção teórica sobre a condição das mulheres na sociedade e o início do desenvolvimento dos estudos da mulher.

O movimento feminista, que toma conta da Europa na segunda metade do século XX, exibia e ainda exibe caráter emancipatório, seja pela luta contínua por liberdade de expressão, participação na vida política e/ou pela igualdade de gênero. No Brasil, a partir de 1980, importantes conquistas em políticas públicas, como o combate à violência e atenção à saúde, fortaleceram o envolvimento das mulheres em várias frentes, como movimentos negro, estudantil, de direitos humanos e em prol de populações tradicionais (BABORSA; LAGE, 2015).

Historicamente, as mulheres foram afastadas de certos espaços, como o de produção científica e intelectual. O espaço escolar se constituiu inicialmente enquanto uma instituição masculina, e também no Brasil, com a figura dos jesuítas, “a instituição escolar é, primeiramente, masculina e religiosa” (LOURO, 2014, p.98). Com as mudanças sociais que ocorreram a partir da segunda metade do século XIX, as mulheres passaram a ocupar espaços antes proibidos, como os espaços educacionais e científicos.

A questão histórica da feminização do magistério levantada por Louro (2014) pode elucidar o porquê de ainda hoje os cursos de formação de professores terem tantas mulheres. Mas quando pensamos na formação de professores de Ciências e Matemática, esses dois fatores se relacionam, uma vez que a profissão de professora é considerada “feminina”, mas a formação em Ciências e Matemática não.

Na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), dentre os cursos de ciências exatas analisados por Costa (2019), apenas os cursos de licenciatura tinham mais mulheres ingressantes e concluintes, inclusive dentre os docentes. Outros autores que analisam a situação das mulheres em outras universidades também apontam que apesar de serem maioria de um modo geral, os cursos nas áreas de Ciências e Matemática são predominantemente masculinos. (MENEZES; SOUZA, 2013).



A pesquisa em questão é qualitativa e tem como objetivo principal analisar o perfil de mulheres que estão atualmente cursando ou já concluíram a Licenciatura em Educação do Campo (LECampo) na UFTM. O foco da pesquisa é investigar elementos relacionados às suas trajetórias formativas, com ênfase nas questões de gênero, formação de professores de Ciências e Matemática, e Educação do Campo. Para alcançar esse objetivo, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com um total de cinco mulheres, das quais quatro estão atualmente nos anos finais do curso e uma é egressa da LECampo/UFTM. As entrevistadas têm idades variando entre 30 e 55 anos e todas residem em áreas rurais.

As análises da pesquisa revelam características comuns nas trajetórias escolares e sociais das participantes, especialmente no que diz respeito às dificuldades de acesso à escola na infância em áreas rurais, bem como obstáculos para ingressar e permanecer no Ensino Superior. As diferenças de gênero se destacam nos relatos das entrevistadas, o que evidencia uma relação direta entre gênero e a formação de professoras em áreas rurais.

Palavras-chave: Gênero. Educação do Campo. Formação de professores de Ciências e Matemática. Feminismo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Geovane dos Santos. LAGE, Allene Carvalho. **Reflexões sobre o movimento feminista na América Latina.** Revista Lugares de Educação, v. 5, n. 11, p. 92 - 103. Bananeiras - PB, 2015.

COSTA, Thais de Souza. **A participação das mulheres nos cursos de exatas na Universidade Federal do Triângulo Mineiro.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Matemática) -Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MENEZES, M. B.; SOUZA, A. M. F. L. **Escolhas marcadas pelo gênero** - Sobre o ingresso de jovens mulheres e homens nos cursos de graduação da área de exatas na UFBA. Anais. Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, Salvador, 2013.



SINTETIZANDO IDEIAS: ENTRELAÇANDO CONCEITOS E CONSTRUINDO RELAÇÕES

Daíse Beatriz Souza Freire Silva

daise.bs.freire23@gmail.com

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Kelly Cristina Saraiva

kellycristinasaraiva970@gmail.com

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

O presente texto objetiva apresentar uma experiência das autoras que envolveu três disciplinas do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (LECampo/UFTM). As disciplinas foram: ‘Educação Ambiental’, ‘Estágio Supervisionado II’ e ‘Seminário Integrador VI’.

A disciplina de Estágio Supervisionado II visava desenvolver a observação de campo, e foi observado a apresentação de alunos do Ensino Fundamental dos Anos Finais de uma escola municipal. A apresentação dos alunos envolvia o contexto do ‘Dia do Meio Ambiente’, observado que a apresentação foi baseada na reprodução, por meio de leitura, dos conceitos relativos à Educação Ambiental, ou seja, não houve a exploração e discussão dos conceitos abordados.

No que tange à disciplina de Educação Ambiental, desenvolvemos um projeto no âmbito da sustentabilidade e agroecologia. Essa experiência possibilitou o contato de criação e elaboração de um plano de aula que abordasse os conceitos/conteúdos/contextos da educação ambiental, como por exemplo, o olhar mais sensível para o meio em que vivemos.

Na disciplina de Seminário Integrador VI, resgatamos as observações realizadas no estágio e as discussões geradas na disciplina de Educação Ambiental. A sintetização desse resgate resultou na elaboração de um artigo intitulado ‘Agroecologia em escola urbana: Importância da implementação da educação ambiental e agroecologia na educação em escola urbana’, o qual será apresentado no XII Congresso Brasileiro de Agroecologia – XII CBA.

O objetivo do trabalho referido é explicitar a importância da implementação de uma Educação Ambiental ao longo da Educação Básica em escolas urbanas. Relativamente ao termo agroecologia, Assis e Romeiro (2002) argumentam que há diferentes possibilidades de conceituá-la, de modo que uma delas seja a de uma agricultura mais saudável, assumindo assim uma agricultura não prejudicial.

Deste modo assumimos uma agroecologia que busca a sustentabilidade e preservação de processos e recursos naturais, de modo a buscar a preservação de diversas espécies. Diante disso, e no contexto da Educação básica, entendemos que ensinar aos alunos a importância de cuidar do



meio ambiente pode ajudá-los a abraçar uma consciência mais focada na manutenção da vida na terra.

Destarte, concluímos que, por meio de um planejamento adequado, a execução de ações bem planejadas e a instrução direcionada aos estudantes, conforme descrito por Effting (2007), a educação ambiental possui o potencial para transformar a perspectiva dos educandos em relação ao ambiente em que habitam, promovendo um maior senso de empatia²².

Palavras-chave: Educação Ambiental. Estágio Supervisionado. Agroecologia. Escola Urbana.

REFERÊNCIAS

EFFTING, T. **Educação ambiental nas escolas públicas:** realidade e desafios . Marechal Cândido Rondon. 2007. Disponível em: <http://ambiental.adv.br/ufvjm/ea2012-1monografia2.pdf>. Acesso realizado em 14 de junho de 2023.

DE ASSIS, R. L.; ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 6, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/22129>. Acesso realizado em 14 de junho de 2023.

²² Professora colaboradora: Profa. Dra. Beatriz Fernanda Litoldo, beatriz.litoldo@uftm.edu.br, UFTM.